

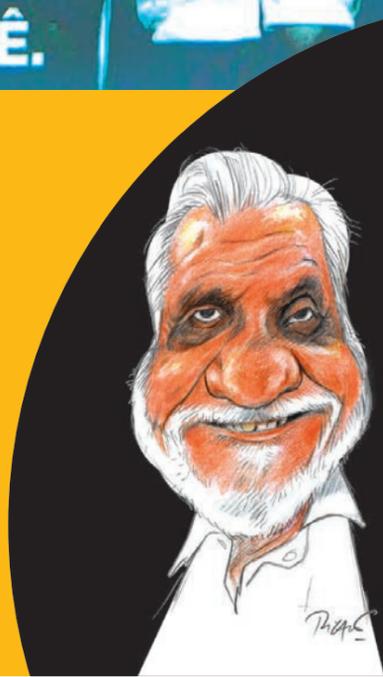
PERNAMBUCO



FOTOS: RICARDO MOURA | DESIGN: KARINA FREITAS

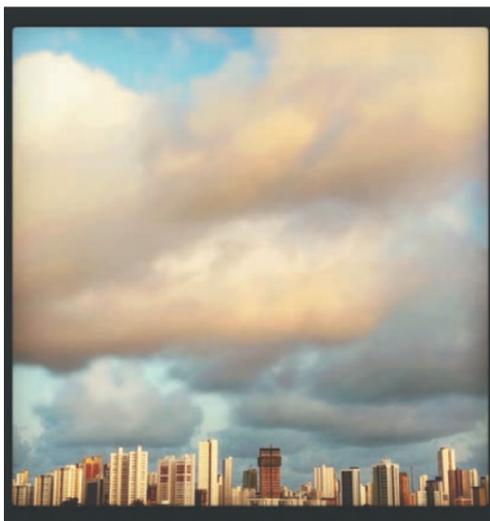
ESPECIAL

AS PALAVRAS QUE FORMAMOS E QUE NOS FORMAM



RAIMUNDO CARRERO RETOMA SUA OFICINA LITERÁRIA E INVESTIGA AS INVENÇÕES DO MESTRE FLAUBERT

GALERIA



PRISCILLA BUHR

“Fotografar para o Instagram é a minha brincadeira favorita. É leve, é solto, é uma delícia. Fotografo as coisas que meus olhos gostam de ver e sentir... Me sinto uma fotógrafa amadora, amadorizo mesmo, no sentido de amor, com o iPhone na mão. Sair por aí clicando sem ser percebida, sem ter escrito na minha testa ‘sou fotógrafa’, ser mais uma no meio da multidão de fotógrafos de celular é muito divertido. Essa liberdade me instiga!” @pibuhr

CARTA DO EDITOR

O ano termina com uma boa notícia para os leitores do **Pernambuco**: após enfrentar problemas de saúde devido a um AVC, em outubro de 2010, Raimundo Carrero retorna este mês sua coluna sobre a arte da ficção. O retorno não poderia ser melhor: ele analisa os diálogos de um romance a partir do ponto de vista de Flaubert. E avisa: as próximas colunas serão dedicadas a investigar as inovações que o francês trouxe para o moderno romance. “Vou analisar em janeiro *Educação sentimental*, que é uma das minhas obras favoritas”, adianta.

Carrero faz uma dobradinha este mês e conversa com José Castello sobre o romance *Ribamar*, um dos mais premiados deste ano. Castello, inclusive, faz uma observação curiosa sobre ser um carioca na fria e introspectiva Curitiba: “Sigo a lição de Cristóvão Tezza: vivo em Curitiba como se não vivesse em Curitiba. Aliás: é assim que se vive em Curitiba! É uma cidade introvertida, fechada, desconfiada, uma cidade - mesmo com mais de dois milhões de habitantes - cheia de solitários.

Gosto muito de viver em Curitiba, aprendi a amar essa cidade. Mas o que mais amo em

Curitiba? O silêncio, a distância, a solidão, a introspecção - ou seja, as ausências! Wilson Bueno dizia que Curitiba é uma ‘cidade de escritores’. Como ele, acredito que Curitiba tem um temperamento propício à literatura. Sou um carioca apaixonado”.

Para encerrar o ano trazemos para o leitor uma matéria especial sobre o que “significa” uma palavra, em todas as suas possibilidades - religiosa, filosófica, literária, a palavra de rua, a palavra que se perde com o tempo. Para isso, contamos com uma equipe formada pela repórter Isabelle Barros, pelo mestre em filosofia Eduardo César Maia, pela parceria da designer Karina Freitas e pelo fotógrafo Ricardo Moura, que safram à procura da melhor forma de ilustrar o tema.

Ainda nesta edição, o escritor e jornalista Ronaldo Bressane perfila o retorno aos quadrinhos de Luiz Gê, um dos mestres da HQ brasileira nos anos 1980, e Paulo César Souza explica o trabalho de traduzir *Assim falou Zaratustra* em meio à tradução da obra completa de Freud, que tem realizado para a Cia. das Letras.

É isso, boa leitura e boas festas.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Janio Santos, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

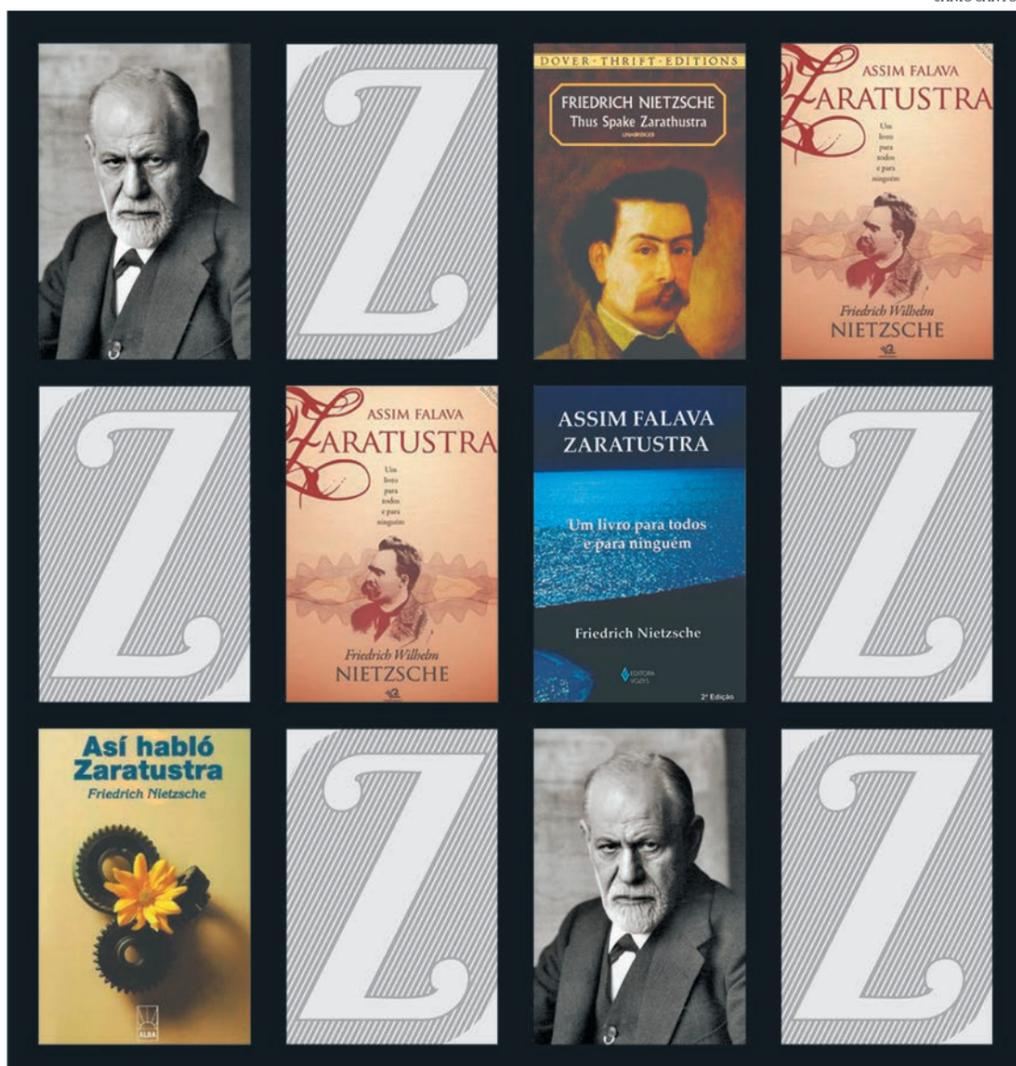
BASTIDORES

Um Zaratustra em meio a um Freud e outro

Organizador do lançamento da obra do pai da psicanálise, que a Companhia das Letras tem realizado, fala do desafio de traduzir um dos livros mais famosos de Nietzsche

CARTUNS

RAFAEL SICA
HTTP://RAFAELSICA.ZIP.NET/



Paulo César de Souza

“Dá pra você encaixar o Zaratustra entre um Freud e outro nos próximos anos?”, perguntou-me o editor da Companhia das Letras antes de saírem os primeiros volumes da coleção de Freud. Eu já havia traduzido dez obras de Nietzsche, mas pensava em deixar *Assim falou Zaratustra* para o final, por já existir em português uma tradução – a de Mário da Silva, publicada nos anos 1970 – que me parecia recomendável. Ao iniciar a coleção de obras de Nietzsche, 20 anos atrás, meu objetivo era traduzir todos os textos que ele mesmo publicou enquanto vivia – era e continua sendo (ou seja, não pretendo incluir os chamados “fragmentos póstumos”). Além do *Zaratustra*, faltavam apenas *O nascimento da tragédia* e as quatro *Considerações extemporâneas*, quando ouvi a solicitação do editor.

Ele argumentou que era um pedido dos leitores, que chegava tanto através do pessoal de vendas como, por e-mails, diretamente ao departamento editorial. Nunca me preocupei muito com as vendas (talvez por elas serem boas...), mas é impossível não levar em conta os anseios dos leitores, ainda mais porque eu próprio já os havia escutado, em encontros casuais e em palestras.

Experimentei traduzir o prólogo de *Zaratustra* já em 2009, fiquei entusiasmado e concluí a primeira das quatro partes no início de 2010. Depois de publicados os três volumes inaugurais da obra completa de Freud, retomei o Nietzsche e, excetuando os intervalos para acompanhar a preparação de mais três volumes de Freud, prossegui o trabalho até concluí-lo, em agosto deste ano (a publicação de seis volumes de Freud em pouco mais de um ano só foi possível porque eu já os vinha traduzindo há muito tempo; costumava alternar um ano com Nietzsche e outro com Freud, sendo que guardava as traduções deste para quando os direitos caíssem em domínio público).

Traduzir *Zaratustra* acabou por ser uma experiência mais prazerosa – e menos trabalhosa – do que a que tive com a maioria dos outros volumes de Nietzsche. A tradução que me deu o maior prazer foi a primeira de todas, a de *Ecce homo*, seu ensaio autobiográfico (foi também minha primeira tradução do alemão, tendo aparecido no final de 1985). Lembro-me que às vezes, à noite, relia em voz o que havia feito durante o dia, comovido com a intensidade e a beleza das frases. Nunca mais tive o mesmo prazer em traduzir, talvez

pelo fato de que estava me dando conta da musicalidade das palavras impressas e de como produzi-la – ou seja, estava me descobrindo como prosador. Embora já tivesse redigido uma tese de mestrado em história que, segundo dizem, é bem escrita (sobre a revolta da Sabinada, ocorrida em Salvador em 1836), eu ainda vivia em “estado de inocência estilística” (na expressão do próprio Nietzsche).

Também foi menos trabalhosa no conjunto, porque o estilo de *Zaratustra* é bem diverso do das outras obras de Nietzsche. Eu sou um trabalhador lento; uma página me toma algumas horas, porque acho que é preciso tratar cada linha como se fosse um verso de poema. Não faço uma primeira versão que depois é revista e esmerilhada, como fazem outros (excelentes) tradutores. Leio a frase original, vejo como ela é vertida em várias traduções do livro em outras línguas, consulto dicionários, fico cismando, matutando e jogando com a ordem dos termos na cabeça, e por fim digito a frase no teclado. Ela demora a aparecer na tela, mas quase não haverá alteração depois.

A prosa de *Zaratustra* é feita de períodos mais curtos que a dos outros livros do autor, com menos orações subordinadas e frequente repetição de termos. Os parágrafos costumam ser breves, e são numerosos os capítulos: 80 no total. Publicado em quatro partes, entre 1883 e 1885, o livro é uma peculiar mistura de narrativa poética, reflexão filosófica e indagação religiosa, contendo os discursos e aventuras do mítico profeta Zaratustra. Numerosas ideias encontradas em outros textos de Nietzsche reaparecem ali numa linguagem transfigurada, mas são claramente reconhecíveis. É uma prosa meio encantatória, que visa tanto seduzir quanto esclarecer.

Já o estilo das outras obras é sobretudo reflexivo, feito de longos períodos em que se criam ondas ou arcos de tensão. Nos dois casos há um emprego abundante de recursos que normalmente associamos à poesia, como aliterações, metáforas, rimas, jogos de palavras, emprego que é apenas mais explicitado no *Zaratustra*.

Oferecendo essa nova tradução aos leitores brasileiros, tenho a esperança de que ela seja acolhida com a mesma benevolência com que receberam as anteriores.

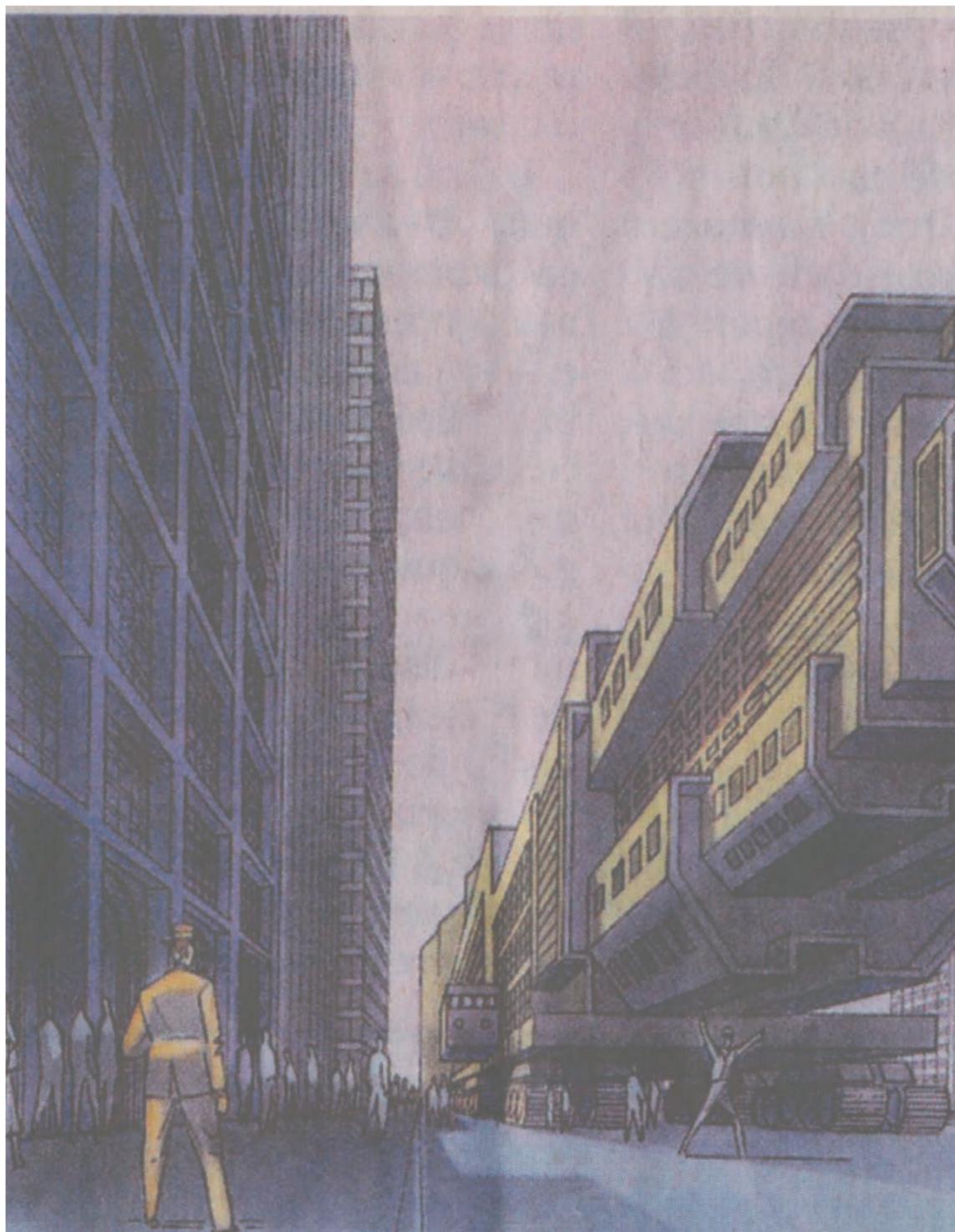
A nova edição de *Assim falou Zaratustra* é lançada na primeira quinzena de dezembro. Até o fechamento da edição a editora ainda não tinha definido a arte da capa e o preço da obra.

QUADRINHOS

Luiz Gê e seu particular cartão postal

Autor retoma o HQ e relança o seu clássico álbum *Avenida Paulista* de 1991

Ronaldo Bressane



Cercado por aviões, navios, livros, discos e gatos, Luiz Gê está feliz: desenha. Parece um menino que se diverte entre seus brinquedos – bem, está desenhando um trenzinho. Não qualquer trenzinho: é um trem tarado, prestes a passar por cima de uma linda garota presa aos dormentes. É o quadrinho final de *Eu quero ser uma locomotiva*, história de 1984 sobre um maquinista obcecado por sexo. Feito em dez minutos com a rele caneta do repórter, o desenho sugere que, aos 60 anos, Gê conserva a mão segura – e safada. Revela: está de volta aos quadrinhos. E mais: de volta ao passado. Em um momento suspenso, como o quadrinho em que o trem se encontra a um apito de triturar a mocinha.

Luiz Gê retorna à praça com um álbum lançado em dezembro de 1991, *Avenida Paulista*. A primeira versão foi publicada na extinta *Revista Goodyear*, uma das melhores customizadas do país, celeiro de crâques como Humberto Werneck e Ruy Castro. Para a edição especial de dezembro, a editora Rosângela Petta teve a ideia: e se encomendassem a Luiz Gê uma história sobre a Paulista, que completava 100 anos? Formado em arquitetura pela FAU/USP, obcecado pela história de São Paulo, Gê topou e mostrou uma gigantesca pesquisa sobre o tema. Em uma aposta ousada, a redação decidiu que a HQ ocuparia quase todo o especial.

Gê alugou um estúdio para o job (“que, em época de Plano Collor, foi muito bem pago e me salvou”, lembra), contratou três assistentes e em três meses intensos produziu as 66 assombrosas páginas intituladas *Fragments completos*. Um sucesso: “A revista recebeu 30 mil pedidos”, recorda. Há 20 anos disputadíssima em sebos, a HQ é agora

relançada pela Companhia das Letras – Gê reescreveu a maioria dos textos, incluiu duas páginas de desenhos e um prefácio. É seu primeiro grande lançamento em muitos anos. Por que demorou tanto para voltar ao ambiente em que, dizem, é um dos mais geniais do país?

Como poucos, Gê dominou todos os espaços da comunicação visual. Fundou no começo dos anos 1970 a revista de quadrinhos *Balão*, foi editor da masculina *Status* e da *Circo*, esta ao lado de Laerte – dos grandes êxitos do cartum nacional, vendia 40 mil exemplares mensais. Em seguida vieram os álbuns *Macambúzios e sorumbáticos* e *Quadrinhos em fúria*. Ligou-se à vanguarda paulistana – movimento liderado por Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção – ao desenhar as HQs que inspiraram os melhores álbuns de Arrigo: *Clara Crocodilo* e *Tubarões voadores*. Depois da *Paulista* publicou a antologia *Território de bravos* (1993) e trabalhos que expandiram as quatro linhas: a concepção de *O homem dos crocodilos* e a direção de *Até que se apaguem os avisos luminosos*, óperas do parceiro Arrigo. Gê foi roteirista do TV *Colosso*, programa infantil da Globo, do longa *Cidade oculta*, de Chico Botelho, desenhou a animação *Santos-Dumont* e adaptou o romance *O Guarani* à HQ – uma obra plural que ganhou abordagem semiótica em *Análise textual da história em quadrinhos*, de Antonio Pietroforte.

“Hal Foster, Winsor McCay, Hergé, Robert Crumb e Moebius”, responde Gê sobre os cinco grandes quadrinistas do século. São inspirações: de Foster (*O Príncipe Valente*), vem o apelo à ação; de McCay (*Little Nemo*), a fantasia lúdica; de Hergé (*Tintin*), o aventureiro; de Crumb, a voz irônica

REPRODUÇÃO



Os responsáveis

Se o Brasil vive um boom de quadrinistas jovens, isso se deve à geração anterior, hoje estabelecida em jornais e livros. Além de Luiz Gê, nomes como Laerte, Angeli e Glauco foram os responsáveis por movimentar o mercado editorial, começando em meados dos anos 1970 e provocando uma verdadeira revolução nas publicações de quadrinhos na década seguinte.

Todos eram amigos. A primeira parceria foi a de Laerte com Luiz Gê, responsáveis pela *Balão*, revista de duração curta. Os quatro se encontraram mesmo na Circo Editorial, que, durante os anos 1980, mesclou trabalhos de nomes como Robert Crumb com autores brasileiros, atingindo grandes tiragens para o padrão das HQs alternativas. A revista coletiva *Circo* vendia em média 35 mil exemplares por mês, número que a *Chiclete com Banana*, de Angeli, ultrapassou nos anos posteriores.

Mesmo que as publicações tenham se encerrado, os autores se fincaram na cena de quadrinhos nacional. Angeli, Laerte e Glauco foram progressivamente chamados para fazer tiras diárias em grandes jornais, como a *Folha de S. Paulo*. Apesar da morte trágica de Glauco, os quatro se tornaram referência para as novas gerações, tanto em qualidade do trabalho como na disposição de tentar criar um mercado de quadrinhos próprio. **(Diogo Guedes)**

e o olhar urbano; de Moebius, a exploração da arquitetura ao estruturar narrativas fantásticas. Luiz Gê criou uma obra sem personagens fáceis, menos pop e mais cerebral que seus parceiros de geração, dos quais se distanciou (só encontra Angeli na *Folha de S. Paulo*, não via Glauco há tempos quando soube que morreu, e a última vez que falou com Laerte já faz uns dois anos). Com ênfase na espacialidade, suas histórias vagam da crítica social à investigação psicanalítica, em situações nonsense que tangenciam o surrealismo, a ficção científica e um antirrealismo violento, em tom sempre mordaz.

Além das aventuras pelo audiovisual, Gê se deu bem na carreira acadêmica: hoje é doutor em comunicações e artes pela USP e dá aulas diárias de desenho industrial e quadrinhos no Mackenzie. Os alunos o veneram – mas também o temem, pelo rigor e jeito carrancudo. De fato, uma das faces de Gê é reservada. Sorridente, impõe respeito quando fecha a cara. Diz que o contrato com a Companhia das Letras prevê, além do *Avenida Paulista*, um álbum inédito – e não diz mais do que isso. “O livro segue uma HQ que saiu no último número da *Chiclete com banana*, a *Viagem ao centro do universo*. Vai ser uma ficção científica de 100 páginas. Fico angustiado com esse projeto, pra falar a verdade... Desenho menos do que deveria”, confessa.

É provável que a multiplicação de Gês em variados formatos lhe tenha nublado o foco na HQ. Além da academia, culpa o ecletismo pelo fato de ter a obra mal divulgada. “Acham que parei de desenhar, mas nesses anos eu fiz TV, cinema, teatro, ópera, show, animação, charge, ilustra-

ção, brinquedo... Criei até uma batalha naval!”, diz, chamando o repórter para conhecer sua bela frota esculpida em madeira. Os navios ficam em uma grande estante ao lado de uma espetacular coleção de aviõezinhos da Segunda Guerra, que, vigiados pelos três gatos (um deles, a manequim Borba Gata) fornecem ao apartamento de 180 m² no edifício Copan uma atmosfera de loja de brinquedos. “Estou sempre bolando coisas malucas. Com a Borba Gata, quis fazer quadrinho tridimensional... O desenho te leva a cada coisa louca! Só que sobreviver é difícil, daí não conseguir me concentrar nas HQs”, se explica.

Ao lado da criatividade multifacetada, que o convida à dispersão – sem falar na voracidade com que se entrega à leitura de obras de filosofia, história e arte –, nos últimos 20 anos Gê teve crises pessoais. “Foi uma luta começar a fazer quadrinhos de novo... uma dificuldade foi se somando a outra, minha vida teve umas coisas muito complicadas...”, insinua, sem citar diretamente a falta de um estúdio onde se concentrar, a tendência à depressão, as separações amorosas e as atribulações com a filha Flora, que culminaram com sua morte em 2008. Sobre esses assuntos, o artista cala. “Não me pinte como coitadinho, hein?”, orienta.

Gê prefere focar a energia na crítica à feiura de São Paulo. “Falta de imaginação em conservar a cidade? Mas a sociedade paulistana é conservadora – no mau sentido (*risos*). Se deixa levar pela força do dinheiro, e a especulação imobiliária toma conta de tudo”, detona. “Na Paulista sobraram uns casarões sem-gracíssima – como o que virou um banco, onde as pessoas ficam tirando foto no Natal.

A graphic novel é relançada pela Companhia das Letras. Ao lado, imagem da edição original do clássico de Gê

O último casarão interessante é da década de 1910, só que os herdeiros não o conservam, querem que o telhado desabe pra vender o terreno. Por que não fazer o Museu da Avenida Paulista ali?”, sugere, elogiando o caráter simbólico da via. “A cidade tem outros centros de negócios na Faria Lima e na Berrini, mas as manifestações políticas nascem mesmo é na Paulista”, lembra. Gê, que acaba de voltar de um giro por EUA e Portugal, é duro com o empobrecimento da arquitetura brasileira. “Nossas cidades são descuidadas, estamos ficando para trás de todas as metrópoles do mundo. Até Lisboa, cidade muito mais velha que São Paulo, tem edifícios mais modernos! Aqui temos a arquitetura de padaria desses neoclássicos, como aquela porcaria do Villa Europa, na Marginal. Bem que um avião podia se chocar ali!”, brinca.

Avenida Paulista, que traça a história da via mais importante da quarta maior cidade do mundo, retrata também a construção da memória dessa cidade – e, ainda, de sua fragmentação. Para combater o estilhaçamento da própria obra, Luiz Gê planeja criar um site onde exporá todas as suas publicações visuais. E sonha editar uma revista mensal, que teria 100 páginas. O número zero é segredo. “Falta uma publicação de HQs que falem do Brasil. Quero muito fazer essa revista. Quadrinhos loucos... Não, não mostrei pra ninguém, nem vou te mostrar. Não vou ficar dando ideia pros outros!”, ri, antes de acolher outro pedido do repórter e fazer o que o mais deixa feliz: desenhar.

Ronaldo Bressane, escritor, jornalista e autor do blog impostor.wordpress.com

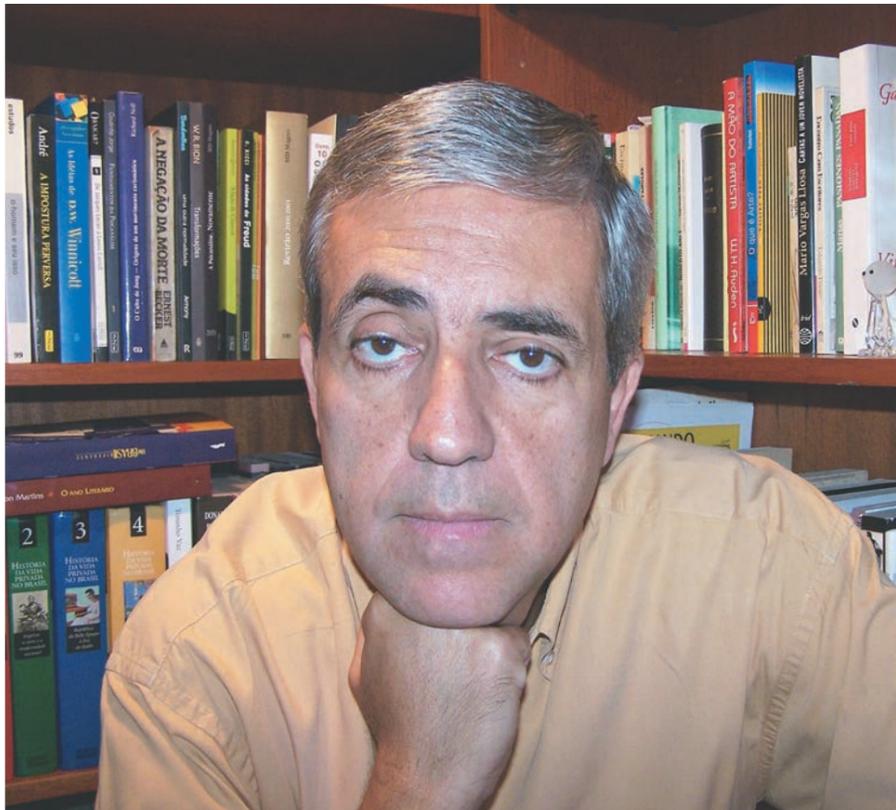
ENTREVISTA

José Castello

“Toda nossa vida pessoal é povoada por fantasmas”

Um dos principais repórteres e críticos de literatura do Brasil conhece a consagração no terreno da ficção com *Ribamar*, um dos romances mais elogiados deste ano

JOAQUIM DE CARVALHO

Entrevista a **Raimundo Carrero**

Um dos livros que mais me empolgaram este ano foi *Ribamar*, mistura inusitada de crítica literária com suposta biografia, dentro do emaranhado de gêneros que a literatura contemporânea exige. A felicidade da minha leitura não foi de causar espanto: trata-se do segundo romance de José Castello, um dos nossos melhores críticos e figura eternamente preocupada com o que a ficção pode nos causar. Um homem que investiga livros que completam pessoas, como próteses; que investiga personagens que nos perseguem como se fôssemos suspeitos de algum crime. Mas de qual crime mesmo? Isso está parecendo até uma história de Kafka... E a

sombra do escritor tcheco se infiltrou na narração de Castello, nas relações familiares e literárias de Castello. É compreensível: no fundo, todos nós somos devedores de Kafka. *Ribamar*, vencedor do Jabuti na categoria melhor romance, foi o tema da minha conversa com esse carioca radicado na gelada Curitiba, uma cidade que parece ter sido formatada para abrigar escritores. O próprio autor fez questão de dar a fórmula para conviver bem com o jeito curitibano de ser: “Sigo uma fórmula criada por meu amigo Cristóvão Tezza: vivo em Curitiba como se não vivesse em Curitiba. Aliás: é assim que se vive em Curitiba! É uma cidade introvertida, fechada, desconfiada, uma cidade – mesmo com mais de dois milhões de habitantes – cheia de solitários.”

Na ficção, você parece que gosta de escrever sobre fantasmas. No seu primeiro livro, havia aquela presença do Paulo Leminski em todo canto. Agora, *Ribamar* tem essa assombração paterna. Por que os fantasmas?

É, talvez, um efeito de minha visão de mundo. Não creio que a ficção se guarde apenas nos romances, contos, narrativas. A ficção é um elemento essencial da existência humana. Ela se espalha pelo cotidiano, pelas relações amorosas, pela fé, pela ciência, e por todo o mundo dito “objetivo”. E toda ficção é turva, incerta, incompleta. Ao contrário do que em geral se pensa, a ficção não se define pela mentira. Não é qualquer coisa, não é o reino do vale tudo. A ficção se define, ao contrário, pela imprecisão – algo em que só se esbarra quando se busca a precisão impossível. Nunca temos tudo desse mundo: ele está sempre a nos escapar, está sempre cravado de buracos, de falhas, de vazios. Pense em Diadorim, em GH, em Alberto Caeiro, em Brás Cubas. Os grandes personagens de ficção são turvos, incompletos, esquivos, imperfeitos – parecem-se, muito, com fantasmas. Toda a nossa vida pessoal está, também, povoada de fantasmas: lembranças vagas, memórias imperfeitas, vultos inacessíveis.

Você mora em Curitiba, uma cidade gelada, que, se não tem fantasmas, tem um vampiro. Como um carioca lida com esse cenário?
Sigo uma fórmula criada por meu amigo Cristóvão Tezza: vivo em Curitiba como se não vivesse em Curitiba. Aliás: é assim que se vive em Curitiba! É uma cidade introvertida, fechada, desconfiada, uma cidade – mesmo com mais de 2 milhões de habitantes – cheia de solitários. Gosto muito de viver em Curitiba, aprendi a amar essa cidade. Mas o que mais amo em Curitiba? O silêncio, a distância, a solidão, a introspecção – ou seja, as ausências! Wilson Bueno dizia que Curitiba é uma “cidade de escritores”. Como ele, acredito que Curitiba tem um temperamento propício à literatura.

Você esteve várias vezes no Parnaíba, onde seu pai nasceu e cresceu. Que

“Nunca temos tudo deste mundo, ele está sempre a nos faltar. Estamos sempre cravados de buracos, de falhas e de vazios

“Um amigo carioca me telefona para me perguntar se, no dia dos pais de 1976, dei um exemplar de *Carta ao pai*, de Kafka

ajuda essas viagens podem ter lhe dado? Muitas vezes pensei que você fosse fazer um romance naturalista ou realista. Mas não foi nada disso. O livro driblou todas as expectativas e é ainda maior. Na verdade, só estive em Parnaíba duas vezes. A primeira, no ano de 1955, com meus pais, quando eu tinha quatro anos de idade. Uma viagem de que, é claro, não guardo lembrança alguma. Enquanto trabalhava em *Ribamar*, decidi fazer uma nova (a rigor, a primeira) visita a Parnaíba. Passei uma semana, não precisei mais do que isso. Meu pai não nasceu em Parnaíba, mas em um sítio no centro do Piauí. Mas foi levado para lá por seu pai, meu avô Lívio, quando ainda usava fraldas. Meu pai nasceu em 1906. Visitei Parnaíba em 2008 – portanto, 102 anos depois! Meu pai viveu em Parnaíba só até a maturidade. Desceu para o Rio, em definitivo, em meados dos anos 1920. Portanto, eu sabia, todo o tempo, que não encontraria vestígio algum de sua passagem pela cidade. Mas então, por que fui a Parnaíba? Meus primos Alcenor e Carlos José, que vivem na cidade e nela me guiaram com todo o carinho, fizeram um esforço imenso para me mostrar alguns vestígios de meu pai. Creio que acreditaram, a maior parte do tempo, que eu escrevia uma biografia! Não fui em busca da verdade, mas da invenção.

Se olharmos de perto, o livro tem algo de música, a partir da canção do seu pai na infância. Deu muito trabalho essa

experiência com a música? *Ribamar* é um livro feito de acasos. Dizendo melhor: de uma escuta atenta do acaso. O romance me surgiu de um evento verdadeiro e inesperado. Um amigo carioca me telefona um dia para me perguntar se, no dia dos pais do ano de 1976, dei um exemplar da *Carta ao pai*, de Franz Kafka, de presente a meu pai, José Ribamar. Mas como ele podia saber disso?! Ele estava em um sebo do centro do Rio, reencontrou esse velho exemplar, leu o autógrafo assinado por um certo José e nele reconheceu minha letra. Era o livro que, cerca de 40 anos depois, me retornava! Meu amigo o comprou e me enviou pelo correio. Eu o folheei avidamente, em busca de alguma indicação de que meu pai, de fato, o lera. Nada encontrei. Mas achei a história espantosa demais para que ficasse perdida. Era uma história inverossímil, improvável – fantasmagórica! –, que guardava a estrutura de uma ficção. Resolvi escolher, então, um pequeno trecho do livro, só algumas linhas, e o sublinhei, como se meu pai o tivesse escolhido e sublinhado. A partir dessa hipótese – dessa fantasia de algumas palavras sublinhadas –, comeci a escrever um livro que, eu sabia desde o início, não seria uma biografia, ou um livro de memórias, mas uma ficção. Também a música, que batizei de *Cala a boca*, me chegou por acaso. Minha mãe está muito doente, tem Parkinson. Está com a memória muito fraca, fica longos tempos em silêncio. Um dia em que a visitei, ela começou a cantarolar uma canção.

Perguntei, por falta absoluta de assunto, que música era aquela. Ela se espantou que eu não a conhecesse. Era a música que meu pai cantava para que eu dormisse, ela me disse. A música que meu avô, Lívio, cantava para que meu pai, Ribamar, dormisse. A música que meu bisavô, Manuel Thomas, cantava para que meu avô, Lívio, dormisse. Uma canção de ninar, que liga os homens da família! Pedi então a meu irmão, Marcos, que toca violão, que fizesse uma partitura da canção. Eu a deixei, durante semanas, pregada na parede de meu escritório, sem saber o que fazer com ela. Sabia que, de alguma forma, ela devia entrar em meu livro, *Ribamar*, mas não sabia como. Até que um dia me veio a resposta: a partitura deveria ser a estrutura do livro. Sua alma! A rede em que eu ligaria minhas anotações, até ali dispersas, incongruentes, soltas. Só quando fiz essa descoberta, cheguei de fato a *Ribamar*. Antes, eu escrevia às cegas, sem saber o que escrevia. Para ver, precisei não ver, mas ouvir uma canção de ninar.

Você escreveu e reescreveu várias vezes esse romance. Após esse processo tão trabalhoso, você retornaria ao romance ou devemos esperar um livro de poemas?

Nunca pensei em escrever poesia. Mas muitas pessoas já comentaram que *Ribamar* tem uma escrita poética. Uma das explicações talvez esteja no rigoroso processo de cortes a que submeti meu texto. Quando decidi que a partitura seria a estrutura – a alma – de meu

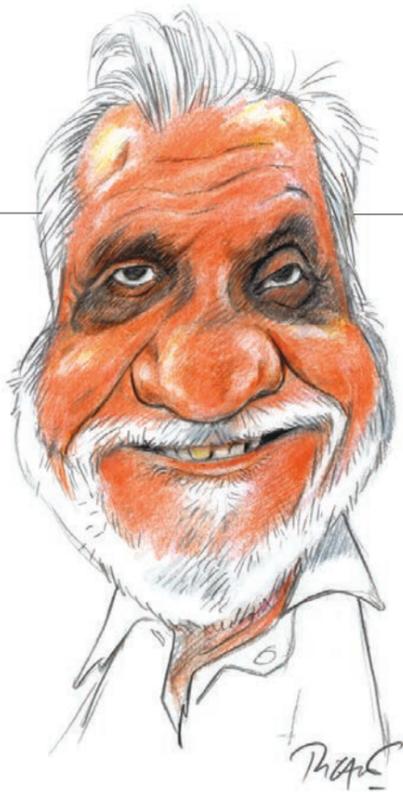
livro, passei a nela encaixar meus escritos. A partitura tem, ao todo, 98 notas musicais – logo, o livro deveria ter 98 capítulos, concluí. Cada capítulo corresponde a uma nota musical. A cada nota, corresponde um tema: Parnaíba, Kafka, sonhos, aves etc. Quem conhece um mínimo de música sabe que as notas musicais, quando dispostas em uma partitura, ganham intensidades. Existem as mínimas, as semínimas (que, como diz o nome, correspondem à metade das mínimas), as fusas (metade das semínimas) etc. Na partitura da *Cala a boca* só existem mínimas, semínimas e fusas. Decidi então que, para reproduzir essas intensidades, eu precisaria estabelecer uma regra quanto ao tamanho dos capítulos. A cada mínima, decidi, corresponderia um capítulo de seis mil caracteres. A cada semínima, de três mil caracteres. E a cada fusa, de 1.500 caracteres. O problema é que eu tinha capítulos longuíssimos, muitos oscilavam entre os 20 e os 30 mil caracteres. Logo, seguindo as sábias lições de João Cabral – sim, um poeta, você está certo – dediquei-me a cortar e cortar e cortar cada um dos capítulos, até chegar aos tamanhos que lhes correspondiam. Passei três anos escrevendo, ou pelo menos rascunhando. E cerca de um ano praticamente só cortando. Trabalhei, nesse período, como um escultor que luta para arrancar da pedra bruta, a fachada, sua figura.

Com este livro, você se sente um devedor de Kafka, em certo sentido?

Minha dívida com Franz Kafka vem de muito antes. Aos 12 ou 13 anos li pela primeira vez, completamente atordoado, *A metamorfose*. Reli o livro várias vezes e quanto mais o lia, menos o entendia. A leitura de Kafka criou um rombo em minha imaginação, fratura essa que tentei preencher com novas e novas leituras. Logo: ela me transformou em um leitor! Sou um leitor apaixonado de Kafka, não só de suas geniais narrativas curtas, mas em especial de *O processo*. E é claro, quando li a *Carta ao pai*, identifiquei-me imediatamente. Como em Franz e seu pai Hermann, minha relação com meu pai também foi muito difícil. Lutamos, todo o tempo, para nos aproximar. Mas havia um deserto, um abismo. Era exatamente o que eu sentia – e tenho certeza de que ele sentia algo parecido também.

Ribamar também conta com crítica literária. Crítica literária, sob certo sentido, é também ficção?

Não tenho dúvida de que é ficção também! Com a chegada da literatura à universidade, em meados do século 20, surgiu a ideia de que a literatura é assunto para especialistas. E, o mais grave, de que esses especialistas praticam algo que se assemelha a uma “ciência da literatura”. Não existe nada mais fatal para a literatura, eu penso, do que o distanciamento que a ciência lhe impõe. Literatura não é ciência, não é filosofia, não é religião. É uma forma de saber tão potente quanto elas três, mas absolutamente independente.



Raimundo CARRERO

Não se acanhe: ficção é lugar para conversa

Aprenda, este mês, as diferenças entre o diálogo interno e o diálogo livre

É natural que o bom leitor, ou leitor sistemático, queira ser escritor. Nada mais normal. No entanto, quem quer escrever precisa aprender primeiro a pensar. Precisa definir o que quer com a obra. Esquecer toda vaidade. Será julgado pela crítica sempre de acordo com os resultados estéticos e o resultado estético depende de sua maneira de ver o mundo. Não existe forma/estética sem conteúdo, ponto de vista ou visão do mundo. Tudo isso responde a algumas simples perguntas: o que é que vou escrever? Como escrever sem saber o que vou dizer? Eu só sei o que vou dizer, se tiver um ponto de vista. Isso não significa que você vai escrever discursos ideológicos, político, sermões religiosos, teses econômicas, ou coisas parecidas. Aliás, tudo isso será transformado em forma. Quem, por fim, realiza a sua obra é a técnica – os elementos internos da obra, que você vai escolher ou definir.

Mas lembre-se, seja qual for o seu ponto de vista, é preciso começar uma obra ficcional – romance, conto ou novela – sempre com um cena em ângulo aberto, o que transformará sua ideia em técnica. A cena significa movimento, o que, em geral, provoca o interesse do leitor. Lembre-se, por exemplo, da cena de abertura de *Madame Bovary*. Quando o romance começa, os alunos estão sentados, sonolentos, abrindo a boca, silenciosos. Aí entra o tutor conduzindo uma carteira e, ao lado, um rapaz, que chama a atenção até pelo boné exótico. O professor decide perguntar seu nome e ele, supertímido, solta um grunhido que nada quer dizer: - charlesbovarrrrrrrrrrrrrry, e repete: Carlesbovarrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrry. O professor pede então que ele se levante. Na verdade, ele se levanta, e o chapéu exótico, ridículo, cai no chão e é chutado pelos colegas. Depois de todo esse embaraço volta a se sentar.

Neste momento, Flaubert apresenta o personagem, mostra como ele se comporta e deixa claro que tipo de personagem tratará no transcorrer do romance. Ou seja, é Charles Bovary, o futuro marido de Ema Bovary. E mostrará, ao invés de dizer, que se trata de um homem fraco, sem reações, que se deixa levar pelos outros. Basta pensar nisso para entender a diferença entre técnica e conteúdo.

Na época de *Madame Bovary* era comum se escrever assim: “Na cidade de Ruen vivia um médico tímido, fraco e trapalhão, tímido e incompetente chamado Charles Bovary. Ele estudou na escola X, onde era motivo de brincadeiras. Foi criado somente pela mãe, porque o pai morreu cedo.”

O leitor perceberá, mais tarde, que o primeiro encontro dele com Emma se dá em meio a uma pequena confusão – que quase repete a primeira apresentação, mas se estabelece a diferença de caracteres, a que Flaubert chamou de “personagens em oposição”. Ao contrário de Charles, Emma é apresentada como alguém capaz de tomar iniciativas, pronta para estar sempre à frente. É nesse sentido que os romances de Flaubert provocam renovações.

A partir desses exemplos você pode criar seus próprios caminhos, sem a necessidade de imitar. Isso tudo não deve significar um caminho único; tente variações que você vai estabelecer seu projeto de criação.

Nunca esqueça que Aristóteles viu no personagem a metáfora em ação. Você criará até se decidir pelo melhor, observando, ainda, que uma página deve ter de quatro a cinco parágrafos de cinco linhas, para deixar o leitor mais à vontade; uma página com um só ou dois parágrafos de 10 linhas, cada, pode causar ansiedade no leitor. Desde que não seja por motivo técnico.

Quanto ao diálogo, optará pelo diálogo interno ou até pelo discurso indireto livre. Se se tratar de uma narrativa aberta, observe que o diálogo tradicional – marcado por um travessão de acordo com a fala ou com mudanças de fala – será mais aconselhável até pela distribuição das palavras na página, com espaço aberto entre as falas.

O que é um diálogo interno? É quando o autor não usa travessões, nem aspas, nem verbos dicendi. Este tipo de diálogo aparece dentro da narrativa, e deve ser usado, por exemplo, no caso dos textos intimistas.

Você estava lá? Não devia ter ido, não devia ter saído. Não podia ir embora. A surpresa ficou na boca. Assim, suspensa. Toda surpresa é suspensa? Nem devia haver, uma surpresa. O olho aceso ali, espiando. Coisa incrível a surpresa. E os olhos mirando, mirando muito bem. (Trecho do meu livro *Seria uma sombria noite secreta*).

Qualquer leitor mediano percebe que existe aí um diálogo. Basta verificar o ritmo. E o ritmo é fundamental em qualquer narrativa, sobretudo, por causa das perguntas e das respostas. Aí não há a poluição das aspas nem os espaços abertos por causa dos travessões. A narrativa continua íntegra, íntima, interior. Por esta razão é que funciona melhor numa narrativa intimista.

No texto aberto, solto, para narrativas sociais, políticas, históricas, documentais, jornalísticas, como já se disse, é aconselhável o diálogo aberto:

- *Você estava lá?*
- *Não devia ter ido, não devia ter saído. Não podia ir embora.*
- *A surpresa ficou na boca. Assim, suspensa. Toda surpresa é suspensa?*
- *Nem devia haver, uma surpresa.*
- *O olho aceso ali, espiando.*
- *Coisa incrível, a surpresa.*

E os olhos mirando, mirando muito bem. (Trecho do meu romance *Seria uma sombria noite secreta*).

E as aspas? Como ficam as aspas nesta história?

É preciso ressaltar, todavia, que o escritor, desde o princípio, deve entregar seu ponto de vista a um narrador em terceira pessoa, em primeira pessoa, ou na falsa primeira ou falsa terceira pessoa. O autor não deve entrar na história. De forma alguma. Mesmo se for um romance, uma novela ou um conto autobiográfico, o autor deve usar sempre a simulação. Escolhe um personagem e faz dele seu alter ego. E o que é falsa primeira ou falsa terceira

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

LANÇAMENTO

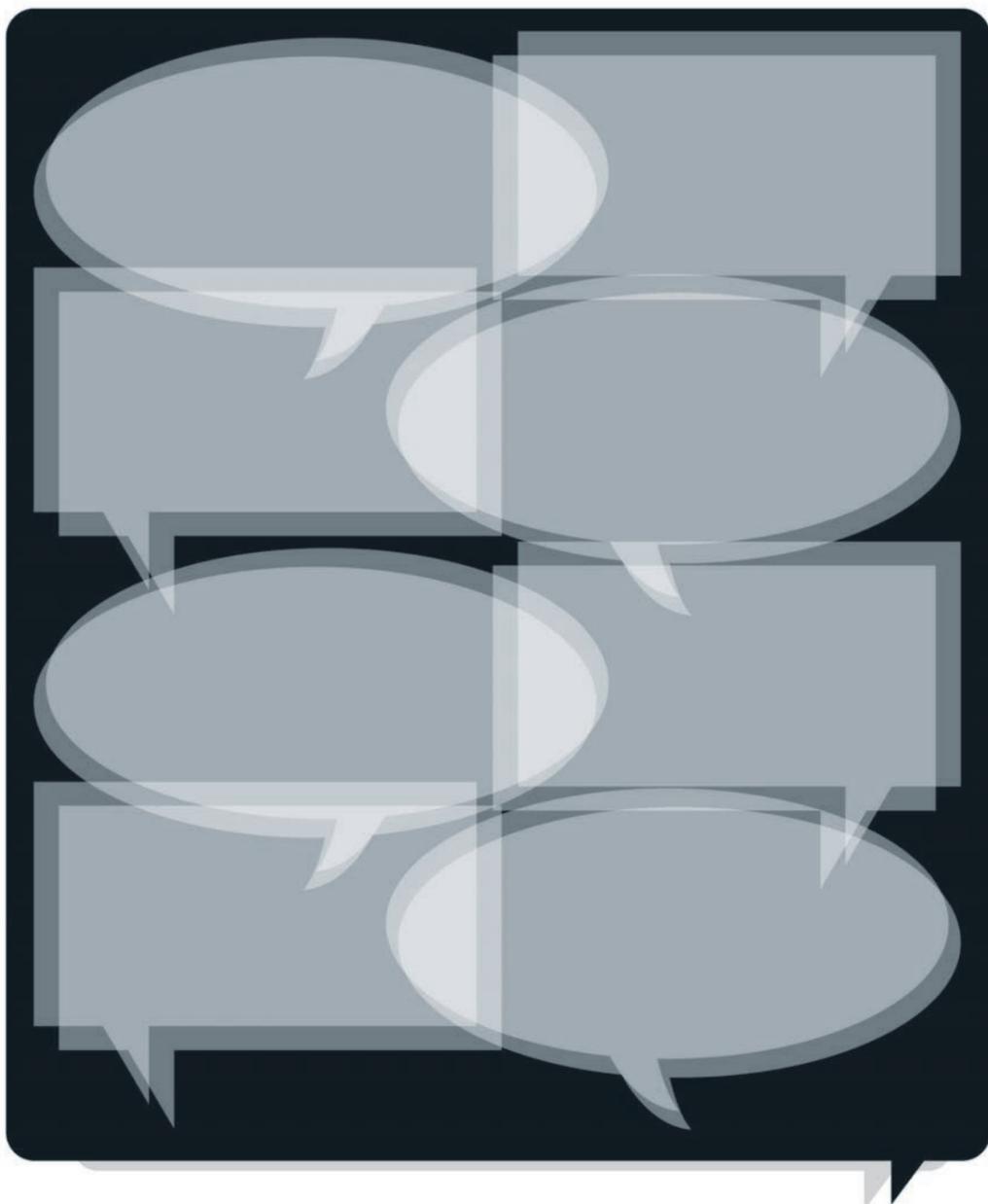
Maria Gabriela Llansol tem suas obras lançadas pela editora Autêntica, pela primeira vez no Brasil

A editora Autêntica inicia o lançamento da obra de Maria Gabriela Llansol (foto), uma estranha (e desconhecida no Brasil) escritora portuguesa, para quem “tudo é simultâneo e tem as mesmas raízes, escrever é o duplo de viver”. As primeiras obras são três diários: *Um falcão no punho*, *Finita e Inquerito às quatro confidências*, seguidos de um pequeno volume com entrevistas dadas pela autora,

juntos numa caixa. Os livros vêm apresentados por Arnaldo Antunes, Lucia Castello Branco e Alice Ruiz, que ressaltam o caráter labiríntico e fragmentário da escrita de Llansol, bem como sua originalidade. Fazer da vida a palavra, fazer da palavra a vida, sem que isso resulte em intensidade menor para uma ou outra, pelo contrário: o que se irradia dos livros da escritora é, sobretudo, fulgor.

DIVULGAÇÃO/ESPAÇO LLANSOL/SINTRA, PORTUGAL





peçoas? A falsa primeira pessoa, por exemplo, é uma técnica em que a narrativa é escrita na primeira pessoa, mas com movimentos de terceira. Lembrando, ainda, que a primeira pessoa é uma narrativa em close, quando a narrativa está centrada no personagem central, que conta, que explica, que expõe. Na terceira pessoa, a narrativa está sempre aberta, vista de muitos ângulos, de muitas maneiras, não se fecha em si mesma.

É preciso ressaltar, ainda, que esta não é uma regra. Nem muito menos infalível. O estudioso deve procurar outras variantes e seguir aquela que lhe

pareça mais correto. É claro que os caminhos são muitos, inclusive no uso dos cenários nem sempre bem recomendados. A liberdade é o caminho da criação. As técnicas servem para indicar, iluminar os caminhos criadores. Mas sem servir de amarras fortes e definitivas. Cada escritor deve saber o que fazer na hora certa, no momento adequado, sem jamais perder a própria identidade. Nunca ceda ao desejo de criar sozinho. Conheça as cenas, os cenários, os diálogos e use-os conforme a sua necessidade sem renunciar à sua vontade, determinação e liberdade.

CONCURSO

Fundação inscreve para prêmio a infantil e juvenil

Estão abertas até o próximo dia 30 de dezembro as inscrições para o 38º Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ 2012. Poderão ser inscritos livros dos dois gêneros publicados durante o ano de 2011, devendo ser enviados cinco exemplares de cada para a FNLIJ (Rua da Imprensa, 16. Salas 1212 a 1215. Centro. Rio de Janeiro. RJ. CEP 20030-120). Mais informações pelo fone (21) 2262-9130 e pelo e-mail fnlij@fnlij.org.br

NOVIDADE

Romance de estreia de pernambucano retrata com sarcasmo personagem viciada em sexo virtual, vodca e miojo

Nestes tempos de navegação *on line*, tuitar é preciso; já, viver??? Para Maria Lúcia, a personagem do romance *Todo dia me atiro do térreo* (Editora Bookess), do jornalista pernambucano radicado em São Paulo Lula Falcão, viver não é nada se a gente não relata o que faz no *twitter* ou no *blog* ou no *facebook* ou no *orkut* ou no *msn* ou no *you tube* ou no *skype*. Viciada em sexo virtual, vodca e

miojo, ML é surpreendente e escapa do patético pelo seu senso de humor que não poupa nada nem ninguém. Ninguém mesmo, nem ela própria. Com capítulos entrecortados de *posts*, a maioria com um pouco mais de 140 caracteres, ela narra seu dia a dia, saltando de um comentário sarcástico para uma “dispirocância geral”, de um acontecimento *non sense* para um porre com *elegance*. Hilário.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e conteúdo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

A que falta, a que avisa e a que já foi

As definições possíveis a determinar o que venha a ser uma simples palavra

Isabelle Barros



“No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus, e o Verbo estava com Deus”. O primeiro versículo do livro de João, no *Novo Testamento*, prega que o início de tudo está intimamente relacionado à palavra. Apesar de evocar, teologicamente, Jesus Cristo – o Verbo feito carne –, esse trecho faz referência direta ao primeiro livro da *Bíblia*, o *Gênesis*, no qual o Deus dos cristãos dizia: “Faça-se a luz: e a luz se fez”. Essas frases, no entanto, são mais do que profissões de fé de homens ávidos por espalhar a Palavra. Elas denotam o papel fundador que a palavra, ou o verbo – como linguagem – exerce no pensamento ocidental.

Segundo a herança greco-judaica na qual estamos imersos, o verbo (assim mesmo, em minúsculas) espalhou-se pelas criaturas e passou a mediar a experiência do homem perante o mundo. Esse é o exemplo mais próximo, mas não é o único. Os mitos fundadores das mais variadas culturas têm a palavra em alta conta, como potência criadora que serve para ordenar a vida. Vale lembrar também que as três maiores religiões monoteístas – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo – têm como atributo central uma Palavra de caráter sagrado, revelada por Deus.

De acordo com as religiões, a palavra tem origem sagrada, mas ela se tornou poderosa por ser um triunfo da abstração humana. Suas várias dimensões passam pelo mágico, plástico, lógico, poético. Mesmo os analfabetos, incapacitados de compreender e utilizar os sinais gráficos de um determinado idioma, estão mergulhados no ato do discurso. Precisam usar outras expressões de linguagem verbal, que não a escrita, para se relacionar com o outro e com a sociedade na qual vivem. É a palavra que faz dos seres humanos “homens”.

Mas ainda há algo de essencialmente primitivo na junção arbitrária de partículas de traço e som, embora elas sejam decompostas e represadas em dicionário. “Por que uma pedra se chama pedra? Ninguém sabe. A palavra é uma forma de ação. Até nos contos de fadas, a trama se desenrola por meio de alguma evocação verbal, quando alguém fala, por exemplo, ‘abre-te, sésamo’”, lembra a professora de Letras da UFPE Nelly Carvalho.

Ela assinala que, em todos os idiomas, há uma categoria básica de vocábulos, que engloba os substantivos, adjetivos e advérbios. Por dizerem respeito às partes mais essenciais da vida humana, se tornaria impossível categorizar o mundo se elas não existissem. As outras classes dizem respeito às palavras de relação, que dependem de cada cultura. O que não muda, segundo a professora, é o poder que a palavra ainda exerce na sociedade contemporânea, onde a tecnologia e a superexposição a imagens fazem parte cada vez maior da experiência cotidiana. “Entre no *Google* e perceba que é com a palavra que tudo começa. Sem ela, é impossível achar o que se procura, mesmo que o resultado procurado seja uma imagem”.

A potência infinita do alfabeto como expressão do engenho e da arte foi lembrada pelo escritor português Gonçalo M. Tavares em sua passagem por Olinda, durante a última *Festa Literária de Pernambuco (Fliporto)*. “Vejam a frase ‘cão não morde’. O extraordinário, em termos de escrita, é que as partes

c, a, o têm múltiplas possibilidades além de seu significado. Para quem não sabe ler o português, são letras; para crianças, são desenhos; para quem não está alfabetizado, são traços. Quando lemos, olhamos para uma figura, mas interpretamos aquilo como real. A leitura se faz justamente quando deixo de dar atenção às letras e passo a evocar uma imagem. É quase como um pensamento mágico”.

A PALAVRA E O SAGRADO

Nos ramos pentecostais e neopentecostais do cristianismo presentes no Brasil, a ênfase da experiência entre os participantes dos cultos é colocada nos resultados concretos da fé, no testemunho. O Verbo, para não se tornar “letra morta”, precisa atuar no mundo. É a isso que se dedica o ajudante de carpinteiro Emi Francisco do Santos, 38 anos. O operário da construção civil é frequentador assíduo de uma Assembleia de Deus próxima à sua casa, na comunidade do Bode, no bairro recifense do Pina. Sua rotina inclui idas diárias à igreja, mas é às segundas-feiras, das 19h às 21h, que ele espalha a Palavra de forma literal. Munido de caixa de som e microfone, o fiel se fixa em um ponto da comunidade e dá início ao “dia de evangelização”. Enquanto Emi faz sua pregação, a família e outros ajudantes – entre 20 e 25 por noite – distribuem até 500 panfletos com passagens da *Bíblia*, chamados de “literatura”. “Quando a gente prega, acontece algo diferente, não dá nem para definir. A gente sente a presença de Deus”.

A conversão de Emi, casado e com três filhos ativamente engajados na Assembleia de Deus, aconteceu há 13 anos, quando uma prima de sua esposa convidou o casal a abraçar sua religião. “Eu e minha esposa frequentávamos um salão de umbanda, mas aquela noite no culto me transformou”. Ele também chegou a organizar, junto com dois colegas, um culto evangélico no canteiro de obras onde trabalhava. As reuniões começaram com três membros e chegaram a atrair dez trabalhadores. O trabalho era interrompido pontualmente às 12h25, até ele ser transferido e deixar de participar dos encontros. “Chegamos a converter um colega durante o culto. Outro colega disse que a oração do nosso grupo foi tão forte que conseguiu curar o filho dele, que estava em casa, doente”.

Gonçalo M. Tavares defende que as palavras ditas sagradas, embora sejam passíveis de fornecer rico material conceitual à literatura, operam em um campo diverso. “A frase ‘mudar com Cristo’, por exemplo, não tem qualidade literária se for apreendida fora da religião. No entanto, ela resistiu ao tempo, e é justamente isso o que todo escritor almeja”. Em uma de suas obras *Aprender a rezar na era da técnica* (2007), o escritor lusitano diz ter partido do seguinte questionamento: “Será que, no século 21, temos que inventar uma nova oração para um mundo onde a técnica solapou a natureza ou as rezas antigas mantêm sua força?”.

Em alguns sistemas de crença, a palavra é tão poderosa que ela não precisa nem ser compreendida, apenas vista e mentalizada, para surtir efeito real. É a proposta da Cabala, sabedoria hebraica antiga que se tornou pop por abrigar legiões de ce-

FOTOS: RICARDO MOURA | DESIGN: KARINA FREITAS



CAPA

Delas “vivem” poetas, filósofos e a nossa razão

Entenda como os pensadores ergueram a “realidade” das palavras que nós usamos

Eduardo Cesar Maia



Uma maneira interessante e elucidativa de abordar a história da filosofia no Ocidente é tentar compreender as diferenças fundamentais entre escolas e tradições filosóficas distintas a partir do problema da *palavra* ou de como cada uma das várias correntes teóricas entendia o funcionamento da linguagem e seu papel no ato de conhecer. Desde suas origens na antiguidade, o projeto maior da filosofia, seu fim último – pelo menos em seu viés racionalista –, relacionava-se com a ideia de que a natureza essencial de tudo que existe podia ser apreendida intelectualmente pela razão e pela linguagem humanas. O termo *logos*, que entre os muitos significados, abarcava, no pensamento grego, as concepções de *palavra* e *razão* ao mesmo tempo, transmitia a ideia de que, de alguma forma, a lei e a lógica que regiam o universo estavam em harmonia com a razão humana e podiam ser captadas por esta. Era meta do filósofo, pois, ultrapassar o uso cotidiano e pragmático das palavras e chegar a uma espécie de idioma transcendental (ou uma linguagem ideal, como diriam os positivistas lógicos do século passado) que apresentasse a verdadeira natureza das coisas, da realidade, independentemente de pontos de vista individuais e subjetivos. As famosas críticas de Platão – representante maior dessa tradição racionalista – aos poetas e, também, aos retóricos sofistas, fundamentavam-se justamente nesse projeto de atingir uma forma de conhecimento superior, universal, através do emprego “exato” das palavras. Para chegar a esse grau de conhecimento (*episteme*) de uma totalidade inteligível e coerentemente organizada, era necessário abandonar a esfera do meramente sensível, do transitório e contingente. As palavras do verdadeiro filósofo deveriam, portanto, abandonar o âmbito da simples opinião (*doxa*). Platão, seguindo as indicações de antecessores como Parmênides e Heráclito, assume como empreendimento autêntico da filosofia a fundação de uma linguagem abstrata e formal, independente de fatores temporais e históricos. Tal tradição entende

filosofia como ontologia, quer dizer, como busca de uma totalidade – um pensamento orientado à reflexão sobre o ser de tudo o que há e suas causas últimas.

Pode-se dizer que, na Modernidade, os métodos foram modificados, mas os fins não se distanciaram tanto da visão racionalista clássica. O emblema filosófico de um dos principais pensadores modernos, Baruch Espinosa, não deixa dúvidas: o conhecimento deve ser buscado *sub specie aeternitatis* (sob a perspectiva da eternidade). O foco da filosofia se volta para a mente e o conhecimento racionalista do mundo, baseado na noção cartesiana de que a *razão* é nossa única e exclusiva via de acesso a um mundo que, de outro modo, seria inacessível, e que a realidade não é senão aquilo que nossas ideias podem *representar* desse mundo em nosso pensamento. “Não há outra realidade que a de nosso pensamento”, declarou Berkeley; ou, em outras palavras, *esse est percipi* (ser é ser percebido). O filósofo, nessa concepção moderna, passa a ser definido como alguém que conhece o mundo porque domina as ideias.

Hegel localizava em Descartes a origem do pensamento moderno porque o francês assumia que toda a filosofia do Renascimento – o pensamento humanista – era somente uma forma de especulação “sensorial e figurativa”, um jogo retórico e filológico que não atingia uma clareza conceitual e que não se podia classificar como racional. Mais uma vez – recordemos a disputa entre Platão e os sofistas – a retórica, o *senso comum*, a poesia e o uso cotidiano e pragmático das palavras eram considerados impróprios para a *verdadeira* filosofia. A hegemonia da perspectiva racionalista levou a uma concepção de critério científico como rigor formal, quer dizer, o valor de verdade das proposições está na adequação lógica em relação com as premissas estabelecidas: as palavras, para serem verdadeiras, tinham que obedecer a uma dedução lógico-racional, e nenhuma forma de linguagem comum, cotidiana, pragmática ou artística, que se servisse de imagens,

FOTOS: RICARDO MOURA | DESIGN: KARINA FREITAS



A característica comum a todas as formas de racionalismo é a ambição de chegar à palavra definitiva

analogias e metáforas, poderia ter pretensões de conhecimento autêntico. A característica comum a todas essas formas de racionalismo é a ambição de chegar à *palavra definitiva*: substituir a opinião pelo conhecimento e acabar com essa conversação interminável sobre os mesmos temas – que é o que caracteriza a história da filosofia.

A crítica ao uso exclusivamente racionalista das palavras aparece em filósofos diversos, de épocas e correntes as mais variadas. Entre eles, Friedrich Nietzsche merece destaque pela demolição das concepções ontológica e metafísica da filosofia e da linguagem. Filólogo de formação, Nietzsche demonstrou a impossibilidade de delimitar uma fronteira clara entre o uso literal e metafórico das palavras: “falar é uma bela loucura: falando, baila o homem sobre todas as coisas”. Dado que nenhum tipo de linguagem pode abarcar a realidade que nomeia, conclui que qualquer linguagem é essencialmente metafórica, e mais: afirma

que não existe nenhuma expressão real e nenhum conhecimento independente da metáfora, da analogia. As metáforas mais correntes, as mais usuais, são as que temos por verdades e as que usamos como critério para considerar aquelas não tão comuns. Para ele, pois, conhecer é trabalhar com metáforas favoritas, uma imitação que já não se experimenta como tal – conhecer, poderíamos inferir, é estabelecer convenções sobre as palavras que usamos. O ceticismo linguístico de Nietzsche surge da constatação de que as palavras não podem captar as coisas em sua essência e verdade. “Não são as coisas – escreve o jovem Nietzsche no seu *Curso de retórica* – que penetram na consciência, mas a maneira em que nós estamos ante elas (...). Nunca se capta a essência plena das coisas. Nossas expressões verbais nunca esperam que nossa percepção e nossa experiência tenham procurado um conhecimento exaustivo, e de qualquer modo respeitável, sobre a coisa”. A proposta de Nietzsche é tão radical e antagônica à tradição racionalista que, até hoje, muitos ainda o consideram não como filósofo, mas como uma espécie de escritor ou poeta. De fato, os poetas se deram conta antes dos filósofos da impossibilidade de uma *mimeses* absoluta.

Outra concepção alternativa ao racionalismo metafísico pode ser encontrada no pensamento maduro do espanhol Ortega y Gasset. Para ele, o verdadeiro sentido de uma palavra não é o que encontramos estático e imutável nos dicionários, mas aquele que ela tem no momento e nas circunstâncias em que é proferida: “após vinte e cinco séculos de adestrar a mente para contemplar a realidade *sub specie aeternitatis*, temos que começar de novo e forjar uma técnica intelectual que nos permita vê-la *sub specie instantis*”, escreveu. De forma muito semelhante, o vienense Ludwig Wittgenstein, superando sua própria concepção inicial de linguagem como sistema lógico e o entendimento da atividade filosófica como busca dessa linguagem adequada e ideal, vai propor que

“Entender uma palavra é entender seu uso”; quer dizer, compreender um conceito é ter conhecimento das complexas e variadas significações que ele assume na linguagem normal, no uso comum das pessoas, num sistema vivo e amplo de relações; a linguagem, dirá o segundo Wittgenstein, é uma *forma de vida*.

Em muitas correntes do pensamento contemporâneo, sobretudo a partir do giro linguístico e da hermenêutica, o enfoque da filosofia recai no estudo específico da linguagem, no uso filosófico das palavras. Antes se tratava de conhecer algo que estava fora do sujeito – uma concepção de conhecimento objetivo como *espelho da natureza*, na expressão crítica de Richard Rorty; ou como *olho de Deus* (a suposição de que somos capazes de abandonar nossa perspectiva humana individual e contemplar o mundo como realmente é, como se adotássemos o ponto de vista de um ser onisciente), na formulação de Hillary Putnam, ambos representantes de uma nova forma de pensar. O ponto de partida hoje, para filósofos como esses, é a atenção que devemos colocar a tudo que dizemos – e como o dizemos – sobre a realidade. A partir desse ponto de inflexão, o filósofo já não conduz suas reflexões com base em uma suposta certeza que lhe dá a Natureza ou a Razão: a investigação agora se centra na análise crítica da linguagem e na hermenêutica (interpretação de textos) como forma de entendimento da complexidade inesgotável do mundo. Grandes teorias explicativas do real e os complexos sistemas filosóficos passam a ser vistos com desconfiança; fica sob suspeita ainda a possibilidade de acesso a uma verdade universal, ou ao mundo em si, pois todo o conhecimento das coisas está mediado pelo necessariamente cambiante e contingente uso da linguagem, das palavras.

Eduardo Cesar Maia é mestre em Filosofia pela Universidade de Salamanca e doutorando em Letras pela UFPE.

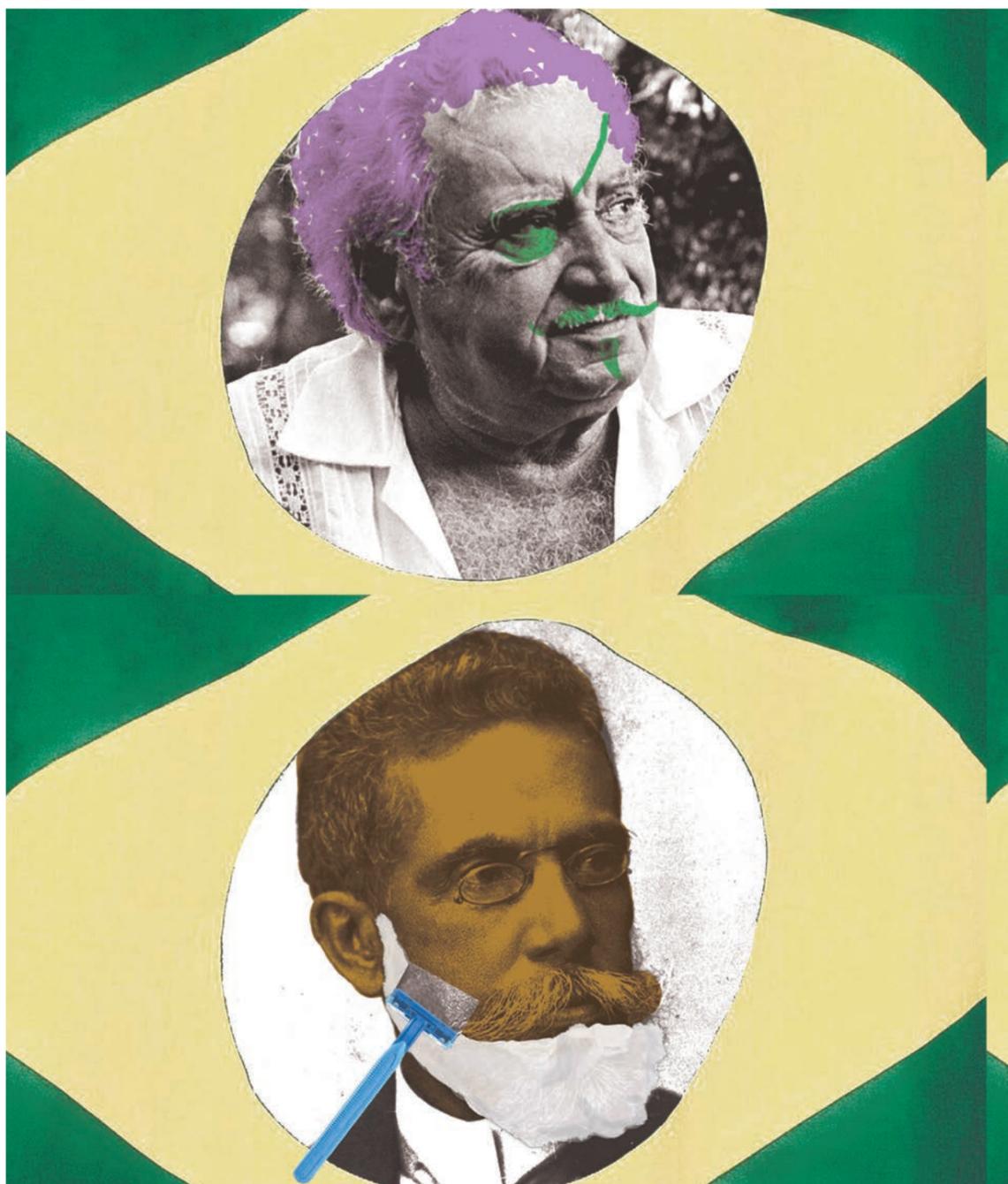
ENSAIO

Corte, costure e deprede o autor à sua vontade

Entenda a “biblioteca de babel” que é o mercado de resumo de obras literárias

Luís Fernando Moura

JANIO SANTOS



Bem-vindo ao lead, o exuberante pedaço de um texto jornalístico em que apresentamos a que ele veio. Teóricos fundamentalistas da arte da informação diriam que neste espaço deveríamos responder a questões fundamentais – o quê, quem, onde, como, quando e por quê – para capturar a atenção do leitor médio e deixar que decida se quer prosseguir, ou não, com desdobramentos. Um exemplar seminal de resumo.

Em terra de escrevinhanças completas, resumos são personagens fundamentais para os que se queixam de uma surrada era da não leitura, em geral atribuída ao preço dos livros, ao sucateamento de bibliotecas públicas, aos socos e pontapés da cultura de massa e, enfim, à ascensão de um mercado *fast reading*, composto pelo jornalismo online e seus primos bastardos – blogs, microblogs e, pior ainda, as calhordas redes sociais –, uma homenagem gorda à leitura descompromissada.

Certos números apontam outra tendência. A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Ibope para o Instituto Pró-Leitura, braço do Ministério da Educação, registrou 95 milhões de leitores no País, há três anos, montante mais gracioso que os 26 milhões contabilizados no ano 2000. Enquanto, antes, brasileiros liam em média 1,8 livro anual, as páginas saltitaram para 3,7 livros lidos *per capita*. Mas, diz o relatório, de cada 4,7 livros lidos por um brasileiro no ano, 3,4 são indicados pela escola. E aí brota a lista de exigências literárias cumpridas com jeitinho especial.

DISPUTAS DE MERCADO

A profusão de resumos de obras de literatura brasileira na internet indica que as listas escolares, bombardeadas pelos programas de vestibular, fundaram um nicho de consumo literário instantâneo. “Os alunos sempre pedem resumos. É um consenso de que eles devem ler os livros, mas isto não é possível. Ou melhor, não acontece”, pondera Jorge Alves, professor de literatura e sócio de um dos colégios mais vestibuleiros do Recife.

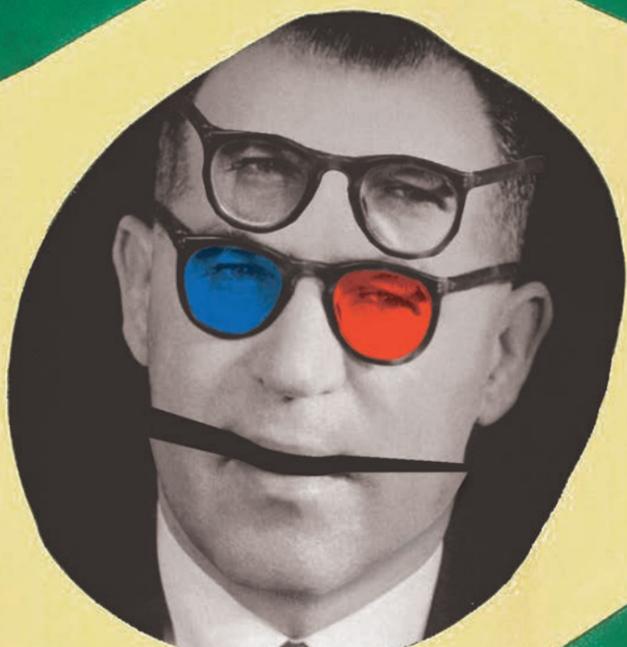
O professor aponta, na prática, o que conceitua exímia peça de resumo multimídia que encontramos vacilando na Google: um arquivo de *PowerPoint* universitário para o qual, no contexto neoliberal, o resumo literário seria fruto da instrumentalização da literatura, coadunada à lógica capitalista. Em outras palavras, resumos são peças de alto valor porque, como diz Alves, “o colégio e o curso são empresas, e existe uma questão mercadológica para se atender. Disputa-se aluno a tapa, em meio a rankings muitas vezes imprecisos”.

Na opinião do professor, o acesso a obras completas é prejudicado ainda pela infusão geométrica de títulos nas listas de indicação, somada ao costume comum de tomar a leitura como obrigação curricular. “Existe uma dissintonia entre as universidades. Em Pernambuco, por exemplo, as universidades federais e estadual exigem a leitura de livros diferentes. No 3º ano do ensino médio, os alunos chegam a ter 16 livros para ler, o que é impraticável”. O modelo de vestibular seriado, realizado ao longo dos últimos três anos escolares e oferecido em instituições como a Universidade de Pernambuco (UPE), seria alternativa para desafogar o sacrifício literário.

MELHOR QUE A ENCOMENDA

Passei Web, *Mundo Vestibular*, *Curso do Fulano* e outros jargões de marketing feroz tentam capturar vestibulandos em incontáveis sites por onde resumos transbordam. Machado de Assis, Jorge Amado, José de Alencar e Graciliano Ramos são cânones recorrentes nas relações, que incluem um ou outro estrangeiro.

Vários textos circulam anônimos, mas às vezes são assinados por professores de literatura e comumente são excertos compostos de trabalhos acadêmicos. Nos portais mais arrojados, mestres dissertam sobre as obras em vídeos-drops. Páginas rabugentas de anúncios online, por sua vez, oferecem coletâneas de obras resumidas – para todos os vestibulares do Brasil,



garantem – a R\$ 20, em meio a ofertas de CD-ROM de idiomas e cópias de livros didáticos. Enviamos um e-mail, e o serviço funciona.

O variado menu poupa o trabalho de docentes como Jorge Alves, que lembra ter trocado empenho de síntese por “sofisticadíssimos” resumos de *Vestido de noiva* ou de *O santo e a porca*, “que não têm a superficialidade de um resumo para ensino médio e nem tantos academicismos”. Por outro, descredita os próprios originais, vistos como blá-blá-blá diletantista perto de um resumo eficaz. “Um olhar atento sobre as provas mostra que elas dão um recado implícito aos alunos: recorram aos resumos”, polemizou, certa vez, o professor João Amálio Ribas, sobre os processos de seleção paranaenses junto ao portal *Vida Universitária*.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da instituição, Maria Zélia Versiani rechaça a supervalorização do resumo entre os mais pragmáticos, e prefere percebê-los como treinamento didático e convite à leitura aprofundada. Num momento em que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que não prescreve títulos de literatura, tem sido adotado progressivamente como prova de ingresso nas universidades, a pesquisadora prevê horizonte de leituras menos instrumentalizadas.

“Se por um lado preocupa o fato de o exame não indicar obras literárias, por outro, e com boa dose de otimismo, podemos vislumbrar experiências de leitura mais significativas, sem a pressão do vestibular, e que, portanto, não sejam substituídas por resumos”, sugere.

COMO FAZER UM BOM RESUMO

Maria Auxiliadora Carvalho é professora de biblioeconomia na Universidade Federal de Pernambuco e já lecionou em ementas para resumidores cientistas, mas o passo a passo falha quando aterrissa na literatura. A professora, que acha mais difícil resumir filmes que livros, diz que “resumo de ficção é algo até

Talvez até haja algo irresumível. “Mas acho que todo autor é interpretável”, relativiza Ronaldo Correia de Brito

questionável. É muito difícil alguém dizer, através de um resumo, o que é um livro, se não do que se trata”.

Ronaldo Correia de Brito, que teve seu *Livro dos homens* resumido para o vestibular da Universidade Federal de Goiás (UFG), é assertivo – “resumos não são bons”, ainda que cumpram seu papel com alguma generosidade em certos casos mais narrativos, avalia. “Não acredito que Guimarães Rosa pudesse fazer um bom resumo da obra de Guimarães Rosa. No caso dele, o deleite é a linguagem, e não acho que qualquer resumo teria sucesso”.

A notícia de inclusão de *Os rios turvos* na lista de indicações para o exame da UPE chegou contente para Luzilá Gonçalves. “Mas logo me contaram que, diante de um aluno que queria lê-la, uma professora aconselhou: ‘Não compre. Eu faço o resumo para vocês’”. Aos poucos, a autora foi conhecendo o produto das sínteses. “Foi um desastre. Interpretaram, concluíram, disseram coisas que não falei.” Maria Auxiliadora nos

auxiliou com sugestões metodológicas para o bom resumidor, se não com modestos conselhos. Primeiro, pensou consigo, é bom dispensar Frederick Wilfrid Lancaster, estrela bibliográfica da ciência da informação. “São muitas normas, mas para a literatura é mais difícil”. Coerência, coesão e consistência, assim como em textos científicos, são requisitos razoáveis. A contextualização histórica é imprescindível, citações são fundamentais e frases atraentes para apaixonar secundaristas, desejáveis.

Cartilha suficiente para sintetizadores seria *Como fazer um resumo*, da filóloga portuguesa Maria Almira Soares: resumir bem seria “atingir o equilíbrio entre o mínimo de palavras e o máximo da informação relevante”, escreve a autora. Entre as artimanhas do menos é mais, o linguista holandês Teun Adrianus van Dijk já teria sistematizado métodos de encolhimento: apagamento, quando se jogam fora ornamentos de estilo ou narração; generalização, quando se dispensam detalhes a partir de critério semântico; e construção, quando uma sucessão de eventos se resolve em um, simplesmente.

Tal lapidação, digna de parnasianismo cartesiano, seria obra de autor, observa Anco Márcio Vieira, professor de Literatura e Teoria Literária na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mas, mais uma vez, feita à imagem e dessemelhança do original. O caso do tradutor, exemplo típico de disputas por assinatura literária, seria mais nobre. “Um bom tradutor é aquele que deixa marcas. Muitas vezes, a solução que ele dá sai melhor do que o original. Já o resumo parte do princípio de que você tem um leitor que não tem nenhum interesse em ter a experiência estética da leitura, mas apenas saber do ‘assunto do livro’”.

HOMENAGEM À NÃO LEITURA

Talvez até haja algo irresumível. “Mas acho que todo escritor é interpretável”, relativiza Ronaldo Correia de Brito. Alguns resultados, no entanto, seriam dignos de fruição mais cuidadosa que a média das sínteses. “Algumas adaptações literárias tornaram-se obras de muita qualidade. *A Ilíada* e a *Odisseia* de Gustav Schwab transforma os epítetos, os versos alexandrinos, as inversões, numa leitura extremamente agradável. *As mil e uma noites*, de Antoine Galland, são talvez as mais clássicas”.

Como todo resumo meticuloso tem fartas citações, lembramos o caso radical de adaptação fictícia, esmiuçado no conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, de Jorge Luís Borges. O narrador traça defesa indefectível do colega Menard, que teria penado para reescrever a obra de Miguel de Cervantes, 300 anos depois. Reescrevê-la, *ipsis litteris*, palavra por palavra, o que se tornou um imbróglio metafísico para o empreiteiro. “Ser, no século 20, um romancista popular do século 17 pareceu-lhe uma diminuição”, escreve Borges, “menos árduo que continuar sendo Pierre Menard e chegar ao Quixote mediante às experiências de Pierre Menard”. O autor, por um lado, vinha sugerir que um texto literário somente o é em determinadas circunstâncias de tempo e espaço, relativizando méritos de autoria inclusive para a cópia – não estariam sendo, os resumidores, diminuídos? Por outro, como sugere Anco Márcio, ele viria propor o exato oposto da verve denotativa do resumo. “O conto é a metáfora da experiência com a obra. Como toda experiência, ela é individual, única e histórica”.

Tanto é pessoal que Pierre Bayard, psicanalista e professor de literatura francesa, nuançou ainda mais o flerte entre obras e seus consumidores. A despeito de uma hierarquização entre bons leitores – de livros – e maus leitores, afeitos a enunciados fragmentados, apressados ou abjetos, Bayard tentou esboçar atrevida teoria da leitura, dissecando modos de ler e de, que bom, não ler.

Em sua obra *Como falar dos livros que não lemos?*, o professor parecia casos em que obras lidas da primeira à última página são facilmente esquecidas, enquanto outras que nem ao menos folheamos – sejam shakespearianas, bíblicas ou adjacentes diversas – são capazes de volta e meia ressoar em nossas vidas, tal como se as conhecêssemos de cor. Tais questões – o que é ler?, o que é ter lido? – dariam, enfim, humilde crédito aos imodestos resumos. Ou, como escreve Bayard, “é até desejável, para falar com precisão de um livro, não tê-lo lido inteiro, eventualmente sequer tê-lo aberto”.

Luís Fernando Moura é jornalista

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

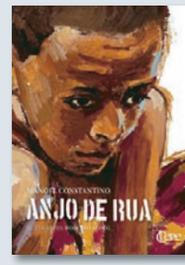
e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O CONTO DO GAROTO QUE NÃO É ESPECIAL
Lucas Mariz

Primeiro colocado da categoria Infantil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em 2010. Conta a história de um menino comum, igual a de outros de sua idade, mostrando que ninguém precisa de superpoderes para ser feliz. Ilustrações de Igor Colares.

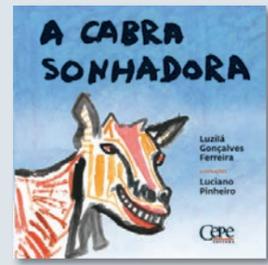
R\$ 15,00



ANJO DE RUA
Manoel Constantino

Primeiro colocado da categoria Juvenil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil. Inspirado na história real de um menino que viveu nas ruas do Recife, mostra como uma amizade pode perdurar, mesmo na adversidade. Ilustrações de Roberto Ploeg.

R\$ 20,00



A CABRA SONHADORA
Luzilá Gonçalves Ferreira

A cabrinha Cordulina, que sonha com o amor de um lindo bode chamado Matias, vive uma série de aventuras, que incluem voar e tomar banho de cachoeira, até que seu sonho se torna realidade. Ilustrações do artista plástico Luciano Pinheiro.

R\$ 15,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Claudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

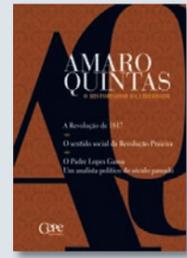
R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

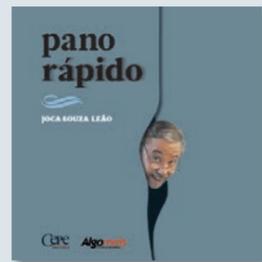
R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 36,00



PANO RÁPIDO
Joca Souza Leão

A obra é uma compilação de breves e bem-humoradas histórias de escritores, jornalistas, artistas, poetas, políticos, populares e boêmios pernambucanos, anteriormente publicadas na coluna do autor na revista *Algômais*.

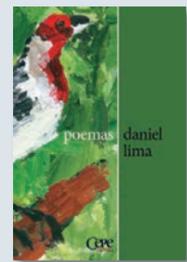
R\$ 40,00



TAPACURÁ
Homero Fonseca

Segunda edição da obra *Viagem ao planeta dos boatos*. O leitor acompanha o rumor de que a barragem de Tapacurá havia estourado a partir de relatos, incluindo, no caso mais recente, a repercussão do mesmo em redes sociais.

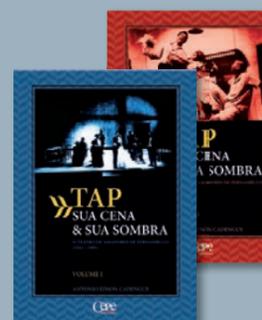
R\$ 15,00



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

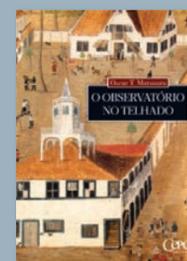
R\$ 45,00



TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA
Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R\$ 90,00
(box com 2 volumes)



O OBSERVATÓRIO NO TELHADO
Oscar T. Matsuurra

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

R\$ 25,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

KARINA FREITAS



BALZAC, O AMOR E OUTROS DEMÔNIOS

Para Cybelle, que salvou a noite

Sempre pensei que o amor e a literatura tinham algo em comum: ambos são um ato de leitura. Gosto muito da sabedoria das diferentes religiões, porque elas personificam certos estados, experiências e sentimentos que constituem parte fundamental da nossa existência. Muitas vezes penso no mal, na morte e no amor em termos de personagens, tais como o Diabo, ou Afrodite. Embora neles não acredite, estes personagens possuem uma existência concreta na minha vida: o meu pacto com o mundo sempre foi o da ficção. Já xinguei muito o amor e nisto não estou sozinho. Uma das minhas poetisas preferidas, Safo, ou o que sobrou de sua voz, em certo momento cantou: “Imortal Afrodite do trono de flores/Filha de Zeus, tu que tece enganos”. É a respeito disto que gostaria de conversar com vocês.

Tenho acompanhado nas últimas semanas – o doutorado no Mackenzie tem me devolvido ao século 19 – as desventuras de Lucien de Rubempré, protagonista do romance *Ilusões perdidas*, de Balzac. Nosso amigo Lucien é um jovem poeta, ambicioso e ingênuo, que se muda de uma pequena cidade provinciana para a luminosa e enlameada Paris, em busca de amor e glórias literárias. Já fui Rubempré duas vezes. Primeiro, aos 18, quando saí de Campina Grande e me mudei para Recife; agora, aos 30, quando saio de Pernambuco e chego até São Paulo. Em comum, os mesmos

amores míopes no peito; as mesmas ambições e pretensões; as mesmas ilusões de relevância. A cena que gostaria de lembrar do romance balzaquiano é uma das mais conhecidas, na qual Lucien e o até então grande amor de sua vida, Mme. de Bargeton, recém-chegados a Paris, assistem a um espetáculo teatral e são submetidos ao escrutínio da nobreza parisiense. A aristocracia, claro, não perdoa os ares provincianos dos dois personagens e lhes impõe um doloroso rito de humilhação.

Em Angoulême, pequena cidade onde os dois personagens viviam, antes da mudança à capital, tudo parecia fazer sentido. Nunca houve amantes mais arrebatados: diante dos olhos de Rubempré, que “queriam achar tudo bom”, Mme. de Bargeton parecia uma aristocrata belíssima, com forte caráter e presença de espírito, marcada ainda por uma aguda sensibilidade literária e inteligência. À sua amante, Lucien era nada menos do que um Gênio e a encarnação da Beleza (maiusculas inclusas no pacote). No entanto... Subitamente, tudo se modifica. Aquilo que parecia pleno de significado se transforma em desconforto, distância, desilusão. Agora, “apesar da extrema beleza”, Bargeton percebia, ao observá-lo no teatro, que nosso poeta “não tinha boa apresentação”. Na verdade, “achava-o lastimável”. A avaliação do seu amante não seria mais amena: comparando-a com as mulheres parisienses, concluía que sua amada era “seca, pretensiosa, malvestida sobretudo!”. Balzac, sempre implacável (por

isso o admiro), conclui: “a verdade é que dois amantes muitas vezes se separam em menos tempo do que precisaram para se unir”.

Dois amantes podem ser também um escritor e seu leitor. Em algum lugar de *A dupla chama*, Octavio Paz sustenta que no amor precisamos convencer a vontade do outro. Não é, afinal de contas, um bom resumo para o nosso trabalho? Cada texto literário é um pedido de hipoteca de um pedaço do tempo e do amor dos seus possíveis leitores. É fascinante que as roupas e o próprio corpo de Bargeton e Rubempré não tenham mudado; mudaram as condições de leitura que cada um impôs ao outro. É por isso, talvez, que o lado pouco indagado, porém real, do amor seja um reino composto pelo medo, posse e paranoia: quem sabe quando as regras do jogo vão mudar e nascerá uma necessidade dilacerante, aquela que pede favores à distância e ao silêncio? Estamos atados a tantos corpos e textos; a palavras que mudam ao sabor dos ventos de cada época; enredados em ardis criados pelas deusas de rostos terríveis, vincados, cujos olhares inescrutáveis se mantêm fixos diante de nós; nomes que se movem de modo nem sempre compreensível, vontades escondidas na nossa própria sombra.

Desta forma, no amor sou sempre vítima, algoz, credor, juiz, tirano, devedor e suplicante. Como os romances e os sonetos, preciso ser habitado para conseguir sobreviver; e haverá em mim a falta, a fratura, através da qual sou regido pela deusa.

SOBRE O AUTOR

Cristhiano Aguiar
é escritor, doutorando em literatura e assina o blog outros criticos.blogspot.com

Cigarros na cama (Fragmentos iniciais)

1.

Sua pressa me legou um maço de cigarros, com o qual agora economizo, por vinte e quatro horas, o preço do próximo.

2.

É compreensível e até agradeço, pois um ADEUS longo demais, que porventura dure mais que um segundo, acaba arrastando-se pela vida toda, melhor seria não chegar sequer à segunda vogal, mas que você desaparecesse com aquela consoante linguodental, sim, aquele d, já que minha língua de agora em diante há-de tocar somente meus próprios dentes.

3.

Comecei a fumar porque você fuma e eu certamente não queria viver mais que você. Agora já sem o seu hálito, suas bitucas e cinzas na mesma cama, começo o dia com um cigarro, exatamente e ainda pelo mesmo motivo.

4.

Uma amiga impertinente me pede, já que eu agora estou passando pelo vale da sombra onde a morte vai bege pela passarela, com ombreiras e calças de cintura alta, que eu diga o que é a tristeza, que eu a poetize para uso comunitário, que eu, ora, entretenha, feito um mico-leão bege, a ela e a meus outros cinco leitores com malabarismos de vocabulário qualquer.

5.

Não sei, querida vaca companheira de pasto e capim pisoteado por machos, estes bois com limiar de atenção retardada e deficitária, qual a imagem mais apta, que analogia eu teceria para esta tristeza banalíssima, talvez a única seja a confissão do fato de por dias não mais poder masturbar-me com a imaginação, mas tão-somente com a memória do que já não pode nem há-de repetir-se.

(...)

6.

Fumo na banheira mas, com o cinzeiro esquecido no quarto, bato as cinzas na água mesmo, pensando que é simples e é apropriado, como se eu estivesse me banhando nas águas

SOBRE O AUTOR

Ricardo Domeneck é poeta brasileiro residente em Berlim. Esses poemas fazem parte do livro *Cigarros na cama* (Berinjela/Modo de Usar & Co.)

do Ganges
e os restos queimados
de mortos passassem,
descendo a correnteza
deste rio que confesso
mal saber onde
desemboca.

9.

Esperei por você no café
português para nossa última
conversa, queria estar lendo
e fumando
quando você chegasse,
com tranquilidade fingida
e estudada. Seu atraso
custou-me quatro cigarros
consecutivos, o que, segundo
as estatísticas,
significa 44 minutos menos
de expectativa
de vida. Unidos aos seus quinze
minutos de atraso, digamos
uma hora a menos no mundo.
Perda nenhuma. O vento
me descabelava
e eu lutava bravamente
contra mais esta desordem.
Você
chegou, obviamente,

no intervalo
entre o quarto e o quinto.

12.

Fumando na chuva,
curvado e ainda mais corcunda,
preferindo proteger o cigarro,
não a nuca.

15.

Você mora na Berlim Ocidental,
eu na Oriental, mas o Muro
caiu já há duas décadas. O que antes
era o motivo único
para minhas visitas a seu hemisfério
torna-se agora
um novo Muro
imaginário,
de um lado o seu território,
do outro o meu habitat,
e, como sempre, acabo
do lado onde mais uma vez tudo
é ofertado e gratuito mas indesejado,
onde o que a população quer
é fugir para o outro lado,
onde a sua população preza
a liberdade individual das carreiras
solo e acumula
para si o que poderia, talvez,
quicá num mundo apaixonado,
ser compartilhado,
comum.

17.

Passo a fumar à francesa
segundo a sua descrição
e nomenclatura: com o cigarro
na mão direita
levo-o ao canto esquerdo da boca,
deixo os dedos levemente abertos
com o cigarro nos lábios
entre o indicador e o dedo médio,
fazendo côncavas as bochechas
com a inspiração do fumo,
mas talvez eu esteja apenas
imitando-o agora à distância.

RESENHAS

REPRODUÇÃO



Diante da paleta de cores perfeita de Mazzucchelli

O quadrinho cult *Asterios Polyp* ganha edição nacional caprichada pela Cia. das Letras

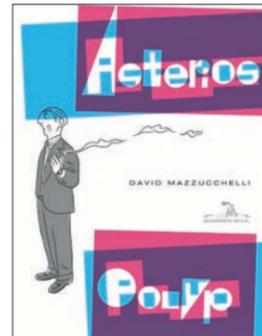
Diogo Guedes

Você ainda vai ouvir muito que *Asterios Polyp* é o melhor lançamento em quadrinhos do ano, mas ele é provavelmente mais do que isso. Vencedora do maior prêmio das HQs, o Eisner, a obra tem colecionado críticas elogiosas e até mesmo atenção acadêmica desde que saiu nos Estados Unidos, em 2009. Agora, ela sai no Brasil, traduzida pelo escritor Daniel Pellizzari, em uma cuidadosa edição do selo Quadrinhos na Cia. O livro conta a história de Asterios, um renomado arquiteto, famosos por construções que nunca saíram do papel. Autocentrado e convencido, ele começa o livro em uma crise, agravada por um incêndio que destrói seu apartamento e todos os seus bens. Tomando o acidente como uma espécie de sinal, ele vai para a pacata cidade de Apogee, disposto esquecer e entender seus erros no passado, principalmente os que

o fizeram acabar o seu relacionamento com a artista Hana. Responsável por algumas das obras mais importantes dos anos 1980, junto com Frank Miller, Mazzucchelli parece ter feito *Asterios Polyp* ciente que construa sua obra-prima. É um livro, como conta André Conti, da Companhia das Letras, responsável pela edição nacional, pensado nos detalhes – cada aspecto da narrativa original se relaciona harmonicamente com o formato da página, a paleta de cores e a tipografia, por exemplo. Tudo que soa como pretensão, quando descrito é harmônico, singelo e profundo dentro do quadrinho: não é à toa que o leitor não sabe, em certos momentos, se deve acompanhar a narrativa ou simplesmente observar as invenções cuidadosas do autor. Mazzucchelli consegue criar algumas das páginas e sequências

mais impressionantes das HQs ao brincar com recursos próprios da linguagem, mas sem nunca transformar a obra em um mero laboratório de experimentalismos. Para a fala de cada um dos personagens, o autor reserva uma caligrafia diferente, que se casa em alguma medida com a própria personalidade ou função deles na narrativa. Em outro momento, trabalhando com a hipótese de que cada pessoa vê o mundo de uma forma diferente, a partir da extensão de sua própria personalidade, Mazzucchelli constrói uma metáfora visual poderosa. Usando a versatilidade de seu traço, ele desenha Asterios como um conjunto de formas geométricas puras, em azul, enquanto Hana é feita de rabiscos instáveis, em rosa, e os dois se contaminam, se misturam, à medida em que vão se conhecendo – assim como se isolam na sua forma de ver

e pensar quando, em certo momento, brigam. É nessa deslumbrante alegoria que vemos como o mundo cartesiano, racional e arrogante do arquiteto pode se juntar à beleza, à organicidade e à fragilidade da artista plástica. É como se, para Mazzucchelli, se apaixonar fosse eliminar as fronteiras, passar a carregar em apenas um corpo duas pessoas.



QUADRINHOS

Asterios Polyp
Autor – David Mazzucchelli
Editora – Quadrinhos da Cia
Preço – R\$ 63,00
Páginas – 334

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

BAILE

Obra mais conhecida do escritor Ronaldo Correia de Brito celebra 28 anos este mês

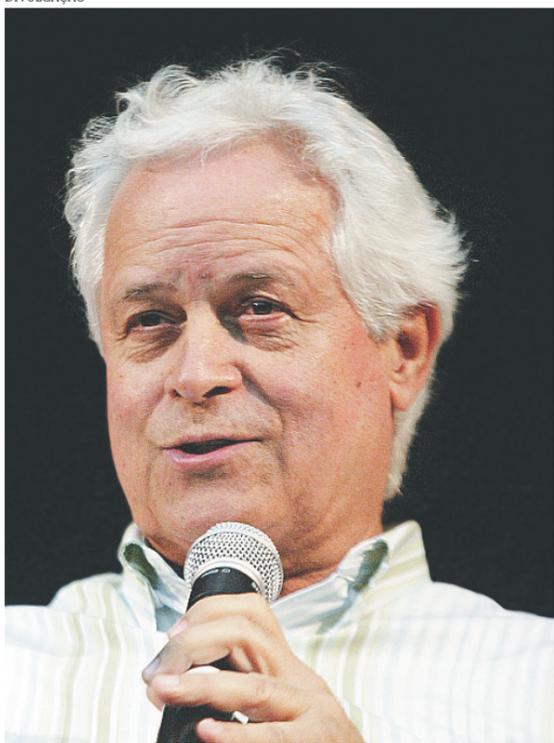
O baile do menino Deus - Uma brincadeira de Natal, obra mais conhecida de Ronaldo Correia de Brito, em parceria com Assis Lima e Antônio Madureira, comemora 28 anos de criação. Inovadora, trouxe elementos da cultura nordestina para o Natal, em oposição à difusão do imaginário europeu, com Papai Noel e renas. No enredo, dois Mateus juntam-se a um grupo de crianças e vão de porta em

porta, convidando a todos para comemorar o nascimento de Jesus. A estreia foi em disco, pelo selo Eldorado, e no Teatro Valdemar de Oliveira, encenada pela Cia. Práxis Dramática. De lá pra cá teve inúmeras apresentações no Brasil. O megaespetáculo volta a ser encenado, de 23 a 25 de dezembro (foto), às 20h, na praça do Marco Zero, onde atrai cerca de 60 mil pessoas.

DIVULGAÇÃO/FOTOFREE



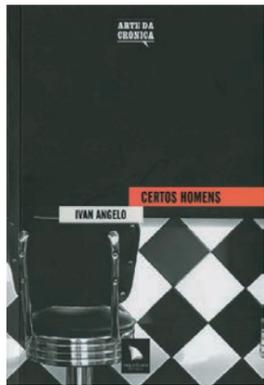
DIVULGAÇÃO



Um mestre da crônica

A Arquipélago Editorial tem feito um trabalho sensacional em reunir os melhores cronistas brasileiros (tanto figuras emergentes, como o curitibano Luis Henrique Pellanda, quanto as já canônicas, como Humberto Werneck) em belíssimas edições. Agora é a vez do espanhol radicado mineiro Ivan Angelo, nome que transita com desenvoltura pelo jornalismo e a ficção. Em *Certos homens*, o autor se mostra certeiro ao esquadrihar questões do cotidiano, muitas delas de caráter afetivo. É o caso da belíssima crônica *Nem sempre você ama quem você ama*, que poderia figurar em meio ao melhor de cânones como Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos (mestres do gênero). Acompanhe um trecho e sinta a “pegada” do texto de Ivan: “Não é o tempo inteiro que

você ama quem você ama. Há intervalos, pausas, preguiças. Às vezes passa um tempo sem amar quem você ama. Mas basta um perigo, uma doença, um cochilo, para você despertar para o seu amor, como de uma cochilada”. (Schneider Carpeggiani)



CRÔNICA

Certos homens
Autor - Ivan Angelo
Editora - Arquipélago Editorial
Preço - R\$ 39,00
Páginas - 215

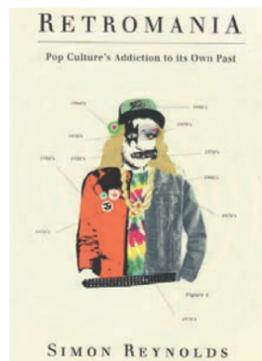
DIVULGAÇÃO



De volta para o passado

O inglês Simon Reynolds é um dos nomes chaves da crítica pop das últimas décadas. Jornalista com experiência nos iconoclastas semanários ingleses, como o finado *Melody Maker*, suas análises são marcadas por instigar o leitor com questões que ultrapassam o cenário musical. Reynolds sabe que as músicas mais tocadas dizem muito sobre como anda a sociedade. Seu novo livro, *Retromania*, tem causado polêmica por sua posição extremista: ele defende que a música pop vive um momento de estagnação criativa, em que a reciclagem de um passado recente estaria fora de controle. Irônico, com aquela acidez elevada dos ingleses, ele dá como exemplo os inúmeros relançamentos de discos antigos em edições luxuosas e as turnês de

grandes sucessos dos dinossauros que jamais se aposentam. Quem não gostou do argumento do autor, o está acusando de preguiça de pesquisar o cenário atual e que a obra seria fruto do tédio de um “tiozão” rabugento. Ainda assim, vale muito a pena conferir o olhar agudo de Reynolds. (Schneider Carpeggiani)



ENSAIO

Retromania
Autor - Simon Reynolds
Editora - Faber and Faber Inc.
Preço - US\$ 12,24 (importado)
pelo site da www.amazon.com

PRATELEIRA

EM CASA - UMA BREVE HISTÓRIA DA VIDA DOMÉSTICA

Tudo que se queira saber sobre a evolução da moradia está nesta obra. O autor reúne dados históricos, sociológicos e científicos, além de curiosidades sobre os hábitos de morar, e os apresenta de forma divertida e interessante. Detalhadamente, ele analisa como cada cômodo de uma habitação moderna, do hall de entrada ao banheiro e ao porão, passou a fazer parte da arquitetura residencial e a determinar os vários aspectos da vida privada, em diversas épocas e culturas.



Organizador: Bill Bryson
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 536
Preço: R\$ 49,00

JORNAL MOVIMENTO, UMA REPORTAGEM

A trajetória do semanário *Movimento*, que circulou de 1975 a 1981, é relatada por um dos seus principais colaboradores, Carlos Azevedo. O jornal foi um ícone da resistência democrática contra a ditadura, ao se colocar ao lado dos interesses do povo, da democracia, do nacionalismo e do anti-imperialismo. Os 28 capítulos reproduzem o resultado de um ano e meio de trabalho de pesquisa sobre os arquivos da época, mais de 60 entrevistas e documentos inéditos.



Autor: Carlos Azevedo
Editora: Manifesto
Páginas: 362
Preço: R\$ 59,00

CRÍTICA E COLEÇÃO

A obra reúne ensaios sobre a pesquisa de acervos literários, sob diversas óticas, desde a crítica genética, passando pela crítica biográfica, até a crítica textual. Os ensaios foram apresentados inicialmente em congressos internacionais, como parte da programação do Centro de Estudos Literários e Culturais da Faculdade de Letras da UFMG, que mantém o projeto Acervo de Escritores Mineiros, responsável pela guarda dos arquivos desses autores



Autor: Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda (org.)
Editora: UFMG
Páginas: 377
Preço: R\$ 47,00

ÍON

Um dos primeiros diálogos escritos pelo filósofo Platão ganha edição bilingue grego-português, assinada por Cláudio Oliveira, e encadernação de luxo. O primoroso posfácio de Alberto Pucheu mostra que a importância da obra reside em nos mostrar a filosofia no momento do seu nascimento. Nessa época, o filósofo representava um novo saber e, para se afirmar, tinha de fazer frente ao poeta, representante de um saber mais antigo e consolidado, a poesia.



Autor: Platão
Editora: Autêntica
Páginas: 88
Preço: R\$ 31,00

LABORATÓRIO

Sistema aprovou revista da primeira temporada

Duas boas notícias para os fãs do projeto *Laboratório: cultura e crítica*: 1) A revista da primeira temporada foi aprovada pelo Sistema de Incentivo à Cultura da Cidade do Recife. Será editada por Wellington de Melo e Cristhiano Aguiar, trazendo artigos e entrevistas dos curadores Cristiano Ramos, Bruno Piffardini, Johnny Martins e convidados; 2) A temporada de 2012 será dedicada à literatura.

COLOMBO

Programa de rádio é alternativa domingueira

Café Colombo - o seu programa de livros e ideias é alternativa radiofônica aos programas televisivos do domingo. Transmitido das 14h às 14h30, pela Rádio Universitária FM (99.9 Mhz), o programa permite que o público sugira livros, CDs ou DVDs a serem comentados, indique assuntos para debate e apresente contos e crônicas que serão lidos. Nas segundas-feiras, das 20h às 20h30, há reapresentação.

ENQUETE

Pela lei, quem deve ser considerado escritor?

O resultado da enquete da UBE nacional para definir os aspectos que identificam a profissão de escritor, discutido no *Congresso dos Escritores* em novembro, será levado ao Senado Federal, visando contribuir com a antiquíssima polêmica da regulamentação. A lei vai estabelecer, por exemplo, se publicações na internet podem definir quem é escritor.

CRÔNICA

Mariana Nepomuceno

POLÊMICA

Dona Lygia, a senhora me desculpe. Mas é que a senhora acertou mesmo. A estrutura da bolha de sabão só pode, de fato, ser o amor. Não sei se é por que a gente fica olhando, vidrado, na tentativa de adivinhar para onde a danada da bolha vai. Não sei se é pela coisinha delicada que é.

Toda a gente sabe que se tocar na bolha, ela estoura. A gente pode chegar perto, acompanhar com os olhos e ir atrás, feliz, pra ver se guarda no coração todas as cores que tem ali. O menino pode querer ver o mundo por dentro da bolha.

Sonha que se esconde e some dentro dela. Que a bolha de sabão, toda faceira, desaparecerá em segundos, muitíssimo contente. A mocinha, diante de tanto fascínio e alubrimento pela tal bolha de sabão que deve ser mesmo o amor, resolve decidir que vai ser bolha de sabão dali pela vida. Acha que não soube ser amor e que já é bem grandinha, dona do próprio nariz e da decisão do que quer ser depois de grande.

A vida, esta danada, proverá a mocinha de alfinetadas, pra mostrar que ela não tem como sumir de uma hora pra outra, que isso tudo não é assim nem assado, deve ser de outro jei-

to que a vida ainda não possui meios de lhe explicar ou fazer entender. Volte a ser pessoa, será mais inteligente.

Concordo com a insistência da garota e acho que a gente bem que poderia ser coisa que voa, que tem milhares de cores e que desaparece. Se não é assim, a gente poderia ser sentimento. Não fazer sentido, não ter linha pra andar, conta pra pagar, risco pra correr. Era e pronto. Sem dar satisfação.

Eu seria rebeldia e ficaria mudando de país umas três vezes no ano. Depois, tirava férias, passava uns tempos escondida e ressurgia de novo, com bem

muito pra fazer. Minha vida seria longa e intensa. Não inventaria de ser alegria. Isso todo mundo já deveria ser.

Longa e intensa. Com briga, com discussão, com organização para desorganizar não sei que lá.

E eu achava que ser bolha de sabão era complicado porque era o amor e amor é um negócio meio esquisito. Bom de sentir, é verdade. Dá medo querer ser um sentimento que pode durar anos mas também pode morrer em segundos. Deixa lá pros afoitos.

Acho que vou querer continuar gente mesmo. Pra sair correndo atrás da bolha de sabão, enquanto escolho rebeldia.

DUAS LEMBRANÇAS ANTES QUE O ANO TERMINE

PEDRO

Era 1992. Jovens brasileiros safam às ruas e se tornavam caras-pintadas. Meu pai olhava, com orgulho, pra bandeira do PT, guardada no canto das coisas antigas da casa. Havia votado no analfabeto nordestino e não no playboy. Naquele ano, meu aniversário não teve festa (minha mãe traquinou com a lente de contato e usava tampão no olho), mas na foto do bolo “pra não passar em branco” me achei menos feia que de costume. Primeira vez na vida achava isso. Queria que ele estivesse lá pra ver. Queria dar aquela foto pra ele.

Eu estava com oito anos e alguma coisa do meu futuro se rascunhava ali. Em 1992, ano bissexto, pensei em estudar Jornalismo ou Direito. Queria alguma coisa que “botasse corrupto na cadeia”. O mundo era mais fácil nessa época.

Neste mesmo ano, me apaixonei pela primeira vez. O primeiro amor. Talvez, meu determinante no amor. Pedro foi o primeiro menino a segurar na minha mão. A me deixar nervosa, implicante, apaixonada.

Ele era novato. Entrou na minha turma depois do começo das aulas, inclusive.

Pedro não era bonito. Mas era magro, alto. Não chegava a ser loiro. Era mais velho, já tinha reprovado duas vezes. Pra mim, ele era um rebelde. Eu nunca quis um príncipe. Sempre quis um revolucionário. Ele era um menino que parecia ter opinião. Na segunda série, qualquer coisa é uma opinião. Cabelo grande mesmo, feito o que ele tinha, era discurso inteiro.

Ele sentava nas últimas cadeiras. Eu também, por causa da altura. Esperei com o coração na mão junho chegar, seria minha chance de ficar mais perto ain-

da dele. Época de quadrilha. As professoras ordenavam os pares pelo tamanho e eu tinha grande chance de dançar com aquele menino que me dava frio na barriga todos os dias de manhã. Mas, Pedro, questionador Pedro, não quis fazer parte do São João do colégio.

Foi brigando comigo, no fim do segundo semestre, querendo roubar minha lapiseira lilás de passarinho, que Pedro pegou na minha mão. Ele numa banca e eu na do lado. Nossas mãos ficaram entrelaçadas que nem às dos casais dos papéis de cartas que eu não colecionava (afinal, eu queria ser diferente das outras meninas).

E Pedro saiu do colégio antes do fim do ano para morar em Portugal com a família.

A lapiseira lilás deve estar guardada até hoje em algum lugar do meu guarda-roupa. Morou por anos na minha mochila. No bolso da frente, fácil de achar. Rafael

tinha olhos verdes e era bonito. João Paulo me defendeu numa briga. Mário me levou na coordenação quando rachei meu dente no chão. Mas, nenhum era Pedro.

Os namoros que duraram foram sempre com meninos com algo de Pedro. Adolescente, meu primeiro beijo foi um magrelo, alto, repente e de cabelo esquisito. Um que namorei por três anos era magrelo, alto, meio revoltado com o mundo. O que eu queria pra marido era líder de movimento estudantil, 1,93m. Hoje, é sindicalista.

Encontro meu amor por Pedro sempre por aí. Indo e vindo, o tempo todo.

(Na verdade, reencontrei Pedro, em 2001, ano do vestibular. Em outro colégio. Escrevi cartas anônimas – coisa que aprendi quando me apaixonei pela segunda vez –, e passei um recreio conversando com ele. Mas, era 2001. Pedro já não era tão Pedro assim).

SOBRE A AUTORA

Mariana Nepomuceno
é jornalista e cronista